

BARBARA ABIB NEVES MATTOS

O DISCURSO RELIGIOSO COMO PRERROGATIVA PARA A VIOLÊNCIA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem.

Universidade do Sul de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Maria M. Furlanetto.

TUBARÃO, 2005

BARBARA ABIB NEVES MATTOS

O DISCURSO RELIGIOSO COMO PRERROGATIVA PARA A VIOLÊNCIA

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão – SC, dia de mês de ano.

Profa. Dra. Maria Marta Furlanetto

Universidade do Sul de Santa Catarina

Profa. Dra. Albertina Felisbino

Universidade do Sul de Santa Catarina

Profa. Dra. Denise Duarte Guimarães

Universidade Tuiuti do Paraná

Dedico ao meu marido, pela paciência, perseverança e companheirismo mantido até a final desta atividade.

Dedico aos meus filhos Ricardo e Guilherme, primeiro como estímulo, depois como exemplo de disciplina, perseverança e determinação.

Dedico a minha mãe, que sofreu com minha ausência calada, mas torceu por mim durante todo o tempo. Dedico ao meu pai, que mesmo em outro plano, sinto presente em todos os momentos de minha vida

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Professora Doutora Maria Marta Furlanetto, pela orientação segura, constante e paciente como também pelas suas sugestões, repartindo comigo seus conhecimentos que foram fundamentais na transformação do meu ideal em realização.

Agradeço a Professora Doutora Albertina Felisbino, pela sua valiosa contribuição durante o processo de avaliação, as quais foram todas aproveitadas para a finalização dessa pesquisa.

Agradeço a Professora Doutora Denise Duarte Guimarães, a delicadeza de aceitar o convite para o processo de avaliação e se locomover durante suas férias e com maestria contribuir na construção desse trabalho de pesquisa.

Agradeço ao Professor Doutor Fábio Rauem, pela seriedade como conduziu à coordenação do curso.

Agradeço a Elizabeth I. Lemos pela amizade e preciosa contribuição durante os difíceis momentos de digitação desse trabalho.

Enfim, agradeço os meus protetores espirituais por nunca me abandonarem nas horas de desespero pelas quais passei durante este árduo trabalho.

RESUMO

Nesse trabalho objetiva-se pensar a religião cristã a partir do referencial da Análise do Discurso francesa. Nessa perspectiva, o homem se faz falar na voz de Deus, Sujeito Absoluto, isto é, no silêncio de Deus, e nele inscreve o seu próprio discurso. Através das práticas, ritos, gestos, textos, ele constrói uma história e se constitui como sujeito autorizado por uma instituição: a Igreja e seus representantes, o papa, os bispos e os padres. Dessa forma, no discurso religioso cristão, o homem se constitui como um sujeito, interpelado por um Sujeito que lhe é superior, e O reconhece como tal. Porém, nessa relação Deus/homem há um desnivelamento de planos fundamental, em que Deus é o espírito e o homem o ser temporal. Logo, o discurso religioso tece uma teia repleta de significações, em que ao apropriar-se de outros discursos sedimenta-se e busca legitimar toda a sua autoridade na supremacia divina, e nessa desigualdade domina os homens que se dizem cristãos. Por isso, busca-se discutir aqui o discurso religioso cristão inerente à Igreja como instrumento de violência, implicando em uma reflexão mais ampla sobre a linguagem, ou seja, no discurso do Papa Urbano II em Clermont, a fim de, em nome de Deus abrir caminhos para a retomada de Jerusalém. Esse estudo é relevante à medida que está ligado diretamente associado à história da I Cruzada, capítulo dos mais ricos de toda a humanidade.

Palavras-chave: discurso, religião, violência.

ABSTRACT

In this work it objectifies think the Christian religion make reference to the Analyzes of the French speech. In this perspective, the man does talk in God voice, Absolute Subject, that is, in God silence, and in him registers your own speech. Through the practices, rites, gestures, texts, he builds a history and constitutes as subject authorized by an institution: church and your representatives, the pope, the bishops and the priests.

Thus, in the Christian religious speech, the man constitutes as a subject, questioned by a Subject that is you superior, and it recognizes it as such. However in this relation God/man there is a difference fundamental, in which God is the spirit and the man the temporal being. Soon, the religious speech weaves a replete web of significances, in which to when appropriating itself of other speeches it forms sediment and search legitimate all its authority in the divine supremacy, and in this inequality dominates the men that are told Christian. Because of this, it seeks to argue here the Christian inherent religious speech to Church as violence instrument, implying in a wider reflection about the language, in other words, in the pope's Urban speech II in Clermont, in order to, on behalf of God open ways for Jerusalém's Retaking. That study is important as is linked directly associated to history of the I Crusade, chapter of the wealthiest of all the humanity.

Keywords: Religion, speech, violence.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1	UM BREVE HISTÓRICO DA ANÁLISE DE DISCURSO.....	13
2.2	A FORMAÇÃO DISCURSIVA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO	16
2.3	DISCURSO E IDEOLOGIA: PARA PENSAR O TEXTO COMO DISCURSO	20
2.3.1	<i>A subjetividade e a linguagem</i>	20
2.3.2	<i>A subjetividade no discurso religioso cristão</i>	24
2.3.3	<i>A questão da reversibilidade do discurso</i>	25
2.3.4	<i>A ilusão de reversibilidade</i>	27
2.3.5	<i>A ilusão de reversibilidade e a blasfêmia</i>	29
2.3.6	<i>A ideologia e a formação do(s) sujeito(s) no discurso cristão</i>	30
2.3.7	<i>O discurso teológico e o discurso religioso cristão</i>	33
2.3.8	<i>A força do Senhor e a fé</i>	36
2.3.9	<i>A representação do sujeito na prática discursiva cristã</i>	37
2.3.10	<i>A relação propriedade/ marcas do discurso religioso</i>	39
3	METODOLOGIA	44
3.1	PROCEDIMENTOS E DISPOSITIVOS PARA A ANÁLISE	44
4	ANÁLISE DAS VERSÕES	49
4.1	ANÁLISE DA VERSÃO DE FULCHER DE CHARTRES	50
4.2	ANÁLISE DA VERSÃO DE ROBERTO O MONGE	55
4.3	4.3 ANÁLISE DA VERSÃO DE BALDERIC DE DOL.....	58
4.4	ANÁLISE DA VERSÃO DE GUIBERT DE NOGENT	62
4.5	COMPARAÇÕES (SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS) ENTRE AS QUATRO VERSÕES DO DISCURSO DO PAPA URBANO II.....	68
5	CONCLUSÃO	70
	REFERÊNCIAS	74
	ANEXO (1): AS VERSÕES DO DISCURSO DO PAPA URBANO II, EM INGLÊS, NO CONCÍLIO DE CLERMONT, NA FRANÇA EM NOVEMBRO DE 1095	76
	ANEXO (2): DISCURSO DO PAPA URBANO II, NO CONCÍLIO DE CLERMONT, NA FRANÇA, EM NOVEMBRO DE 1095.....	88

1 INTRODUÇÃO

Muito se escreveu sobre o assunto a ser tratado neste trabalho de pesquisa. O estudo sobre a relação entre o poder do discurso e a violência nas Cruzadas fascina historiadores e estudiosos do passado e do presente. É por isso que se pretende racionalizar aqui, sob a égide da linha francesa da Análise de Discurso, segundo Orlandi (2001, p. 86) “área que se propõe novas maneiras de se ler, colocando o dito em relação ao não dito, ao dito em outro lugar, problematizando as leituras de arquivo, expondo o olhar do leitor à opacidade da língua” para o discurso religioso, instrumento de comunicação inerente à Igreja, sobre o uso da violência como prerrogativa de civilização e cristianização da Primeira Cruzada (1095-1099)¹.

Em Jerusalém, muito mais do que qualquer lugar, a História se constitui e está sempre presente. Isso, provavelmente, é consequência de um território que se encontra sob constante disputa. Uma das coisas que mais impressionaram os visitantes, como conta Karen Armstrong (2000, p.13 – 25) que conseguiram ter acesso a Jerusalém foi o espírito religioso dos povos judeus e muçulmanos. Contam eles que, os judeus de túnica ou de farda beijavam o Muro das Lamentações e que multidões de famílias muçulmanas, trajando suas melhores vestes, se dirigiam ao Haram Al-Sharif para realizar suas orações todas as sextas-feiras, demonstrando assim, o grande desafio da convivência do pluralismo religioso. Dessa forma, se obser-

va ainda com mais consciência a importância dessa cidade tanto para os judeus como para os muçulmanos, que conseguiram enxergar o mesmo símbolo sem lhe atribuir uma mesma significação.

Israelenses e palestinos expõem argumentos sempre com uma presença muito viva no passado e ambos contam de modo muito minucioso os acontecimentos que levaram à criação do Estado de Israel, em 1948 ou à Guerra dos Seis Dias, em 1967. Os retratos do passado se dirigem com frequência para a mesma pergunta: quem fez o que primeiro? Qual deles recorreu primeiro a violência?

As pedras utilizadas por Herodes no século I a. C demonstram que o aparecimento do Islã é posterior aos Judeus e, parecem estar onipresentes lembrando ao seu povo um compromisso com elas.

Para os palestinos, Jerusalém encontra-se de forma diferenciada e o esplendor do Haram Al-Sharif e as escolas muçulmanas chamadas de mãdaris, construídas pelos mamelucos evidenciam também, os compromissos maometanos com a cidade, assim como o fantástico palácio da dinastia Omíadas edificara no passado. Outro lugar surpreendente e que esse povo faz questão de mostrar àqueles que lá estão é o santuário de Mebi Musã, que foi erguido nos arredores de Jericob para defender Jerusalém da invasão dos cristãos.

Uma palavra muito usada tanto por israelenses como por palestinos, incluindo os mais céticos, é santa. Os palestinos chamam de Al-Quds, a Santa – designação não tolerada pelos israelenses, pois para eles a cidade foi considerada santa primeira pelos judeus, e para o povo muçulmano ela nunca tivera tanta importância, pois Meca e Medina tinham sua prioridade. Mas o que significa santa nesse contexto? Como pode ser considerada santa uma cidade repleta de seres falíveis e de atitudes profanas? Por que judeus que se declaram ateus se im-

¹ Contado desde a exortação de Urbano II (papa de 1088 a 1099) no Concílio de Clermont — atendendo à solicitação de Aléxis, imperador bizantino, para que "enviasse alguma ajuda para a defesa da Santa Igreja contra os pagãos" — em 27 de novembro de 1095 (Bartlett, 2002, p. 23).

portam tanto com a cidade santa e se mostram possessivos quanto ao Muro das Lamentações? Por que um árabe incrédulo se comove e chora ao entrar pela primeira vez na mesquita de Al-Aqsã? Já, para os cristãos, Jerusalém é santa porque presenciou a ressurreição de Jesus Cristo, testemunhando dessa maneira o nascimento da fé, fato que para o Judaísmo e para o Islamismo foi diferente, pois para estes ocorreram longe dali, na península do Sinai ou na região árabe do Hedjaz. Verifica-se, portanto, que esta questão de associação à santidade independe do lugar e dos fatos da história da salvação.

Muitos motivos fizeram de Jerusalém um caminho de geografia sagrada para aos cristãos, judeus e muçulmanos, e que também não enxergavam a cidade de maneira objetiva, ou seja, inseparável de Deus ou do sagrado – significado que confere a vida eterna.

Vivenciado de muitas formas, o sagrado inspira medo, admiração, paz, terror e atos edificantes. Algumas das piores atrocidades ocorreram quando a pureza de Jerusalém e o desejo de conquistar sua santidade precederam a busca da justiça e da caridade.

Como se observa os seres humanos de todas as épocas e lugares viram na palavra esta magia vinculada às superstições e às origens de todos os seres e coisas. Além disso, não há como negar que, os símbolos engendrados pelo homem para manifestar e registrar o processo do pensamento em seus mais diferenciados matizes têm-se prestado a toda sorte de crenças, como se às palavras repletas de poderes ocultos fosse a graça de agir sobre as coisas e recriar a própria natureza. Portanto, é na consideração de que as palavras representam o poder, a fé e a violência (funcionando como armas) é que se pretende problematizar este estudo, o que implica uma reflexão mais ampla sobre a linguagem utilizada no tempo especificado — o da Primeira Cruzada — a fim de, em nome de Deus, abrir os caminhos para a retomada de Jerusalém.

Trata-se, portanto, de compreender como o discurso do Papa Urbano II, com a proposta de (re)tomar Jerusalém: foi dito (instituído) e conseguiu levar uma multidão a pri-

meira cruzada, trazendo subjacente o uso da violência como prerrogativa para civilizar e cristianizar Jerusalém.

Sendo a palavra uma força simbólica, com a qual o ser humano se apóia para atuar no mundo, é que se busca como objetivo geral nesse estudo analisar como o discurso religioso se legitima ao incentivar à violência através da linguagem e ideologia. Como objetivos específicos pretende-se analisar as vozes que se movimentam no interior do discurso religioso cristão e como se constitui o incitamento à violência no discurso.

Mesmo depois de passado novecentos anos, fundamentalistas muçulmanos utilizam as Cruzadas a fim de justificar suas ações terroristas. Quando Ali Agca na tentativa de matar o Papa João Paulo II, na praça de São Pedro, na Itália, tentou justificar o fato dizendo: “queria matar o caudilho das cruzadas”. No verão de 1995, na viagem de João Paulo ao Quênia, na África, os muçulmanos se negaram a recebê-lo como protesto as cruzadas. As bombas que explodiram no metrô de Paris, nessa mesma época, foram justificadas por seus autores como: “Paris é a capital das cruzadas”. Recentemente, o Presidente dos EUA, Jorge Bush, utilizou o termo “cruzada contra o mal” ao mencionar a invasão contra o Iraque, em 2002. Poucos dias, antes do término desse estudo, foram explodidas bombas no metrô de Londres e seus autores justificaram esse ato vil com o termo “guerra santa”. Constata-se então que a história continua e se movimenta afetando as relações entre povos cristãos e muçulmanos.

Por tudo isso essa análise é de caráter social, necessária e relevante, na medida em que contribui de maneira fundamental para o conhecimento do discurso religioso. A religião tem sentido; o discurso religioso faz sentido; na consideração de que sua presença histórica é irrecusável e no sentido de que suas palavras exerceram grande influência no povo cristão, é que o tema proposto pretende sugerir vias de reflexão consciente de que discurso, religião e violência encontram-se intimamente ligados. As crenças transformaram a existência no plano terreno, fragmentado, incompleto, em que os homens e mulheres se voltaram para a religião a

fim de minimizar suas dores e encontrar a solução para todos os males na experiência do sagrado.

O cristianismo teve um papel fundamental na história da Primeira Cruzada, que é pano de fundo para essa pesquisa, com tudo que possa pressupor como interdiscurso. O que se busca estudar aqui é o discurso do Papa Urbano II, apresentado nas quatro versões de testemunhas que dizem ter presenciado o pronunciamento, Fulcher de Chartres, Roberto o Monge, Balderic de Dol e Guibert de Nogent. Discurso que conseguiu levar multidões rumo ao Oriente quando conclamados a defender a sua fé em Cristo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA ANÁLISE DE DISCURSO

Do ponto de vista teórico, o estudo apresentado é embasado pela Análise de Discurso de linha francesa, na qual a língua é pensada em sua materialidade, ou seja, como um espaço de manifestações das relações de força e de sentidos que refletem os confrontos de natureza ideológica. (Orlandi, 2000, p. 17)

A Análise do Discurso surgiu na França, na década de 1960, como proposta para suprir as insuficiências das análises de conteúdo praticadas até então nas ciências lingüísticas e humanísticas. Segundo Brandão (1998, p. 19), a análise de conteúdo entendia o texto na sua transparência, "apenas enquanto projeção de uma realidade extradiscursiva", sem se ater às articulações lingüísticas e textuais. Já a Análise de Discurso teve sua origem na preocupação em se fazer uma análise textual que remetesse ao texto considerado na sua opacidade, ou seja, a interpretação do texto deveria levar em consideração também o modo de funcionamento lingüístico e textual do discurso e das diferentes modalidades de exercício da língua no contexto histórico-social de sua produção o que articula diferentes papéis ou posições subjetivas que podem ser encontradas num mesmo espaço de produção, relatadas as práticas sociais.

Quanto à origem da Análise de Discurso francesa, três práticas podem ser aceitas, cada uma à sua maneira, como suas geradoras: a tradição filológica, característica da Europa — unia histórias e reflexões sobre os textos tendo a Filologia como instrumental metodológico para as demais ciências como a História e a Antropologia, por exemplo, que trabalhavam com textos; a prática da explicação do texto — exercício de leitura bastante presente na nova escola francesa; o estruturalismo — abordava o texto na sua imanência, centrado na reflexão sobre a escritura. No primeiro caso, a Análise de Discurso ocupou o espaço deixado pela Filologia, pois esta não mais respondia às necessidades das demais ciências que usavam o texto como ferramenta de trabalho (História, Antropologia, Filosofia,...). No segundo caso, a Análise de Discurso colocou-se como uma teoria da leitura, e no campo do exercício de leitura encontrou espaço profícuo para se desenvolver. No terceiro caso, proporcionou uma preparação para o estudo do discurso em moldes diferentes dos propostos pela Filologia. (Maingueneau, 1997, p. 9)

A fase inicial da Análise de Discurso se deve aos estudos que M. Pêcheux (Por uma análise automática do discurso, 1997, p. 34) que fez dos pensamentos de Althusser e Marx uma nova leitura inserindo-os na tradição epistemológica francesa, pois parte do pressuposto da distinção entre ideologia e ciência.

Em busca de um discurso científico que fugisse da ideologia, Althusser recorre ao materialismo dialético e, ao pensar uma teoria da ideologia, acredita ser indispensável distinguir uma "teoria da ideologia geral" e uma "teoria de ideologias particulares", exprimindo posições de classe, tendo ambas como objeto o estudo da "deformação imaginária", que acontece em relações reais entre pessoas pertencentes a uma dada formação social. Tal "deformação" — de supressão do espaço entre o real vivido e a representação que dele é feita — apresentaria uma constância de funcionamento, cuja via de acesso pode ser a linguagem.

A linguagem é, neste caso, a materialização privilegiada da ideologia. Além disso, para entender os dispositivos regulamentares que permitem apreender a ideologia a linguagem de Ferdinand Saussure era insuficiente, e apenas a Análise de Discurso poderia dar conta deste objeto tão complexo que passa a ser concebido com a incorporação de um elemento exterior a um componente socioideológico.

Na verdade, foi a partir do estudo de Pêcheux (1969) que o discurso passou a ser concebido como um locus teórico para onde convergiam todas as indagações sobre a língua, partindo do reconhecimento de Saussure como ponto de origem da ciência lingüística, com o deslocamento que acontece quando se estabelece a dicotomia língua-fala. Ele concebe a língua como um sistema e lhe atribui o posto de objeto escolhido como tal dos estudos lingüísticos, excluindo deste contexto a fala. Ou melhor, a língua, sistêmica, abstrata e objetiva, se opõe à fala, concreta, variável e subjetiva (Brandão, 1998, p. 22).

Assim, a ruptura nos estudos lingüísticos foi suficiente para favorecer a formação da fonologia, da morfologia e da sintaxe, tendo a lingüística como modelo, e a semântica, que seguiu o mesmo caminho, especialmente no que se referia a valor e significação.

Enfim, o que se observa no contexto literário, por exemplo, é que, em nível de valor, é possível a tradução de uma língua para outra, mas, em nível de significação, até em uma mesma língua observa-se problemas de tradução, pois as palavras podem mudar de sentido, conforme a posição que sustentam e de quem as produz.

O quadro epistemológico que marcou o nascimento da Análise de Discurso foi idealizado pelo materialismo histórico e pela lingüística, como processos sintáticos e de enunciação da teoria do discurso como teoria dos processos semânticos. A idéia da Análise de Discurso era mostrar a inconsistência fundamental dos textos, como afirma Maingueneau “estudar os processos de formação ideológica no discurso é trabalhar com um contexto de desmistificação, prelúdio para a transformação da sociedade” (apud Brandão, 1998, p. 22).

Além de Althusser, também M. Foucault (Arqueologia do saber, 1969, p. 179) abriu novas perspectivas para a Análise de Discurso, pois, ao contrário do primeiro, que estudava a questão da ideologia em relação às forças sócio-ideológicas subjacentes ao texto, este buscava uma concepção do discurso como dispositivo enunciativo e institucional, analisando as diferentes práticas discursivas.

A possibilidade de deslocamento para qualquer tipo de produção verbal, subverteu a própria Análise de Discurso, o discurso, enquanto objeto de investigação, passou a ser reivindicado por disciplinas como a sociolinguística, a etnolinguística, a análise conversacional, as teorias da argumentação, da comunicação, entre outras, definindo o seu objetivo em apreender a linguagem enquanto discurso, o momento em que se materializa o contato entre o linguístico e o não-linguístico, pela atividade de sujeitos que interagem em situações concretas.

Para Furlanetto (2002), o discurso é um objeto de investigação vinculado às condições de produção dos enunciados, que, como os outros, refletem, de algum modo, a história da sociedade onde circulam e de que são marcos os documentos, refletindo, portanto, valores, correções, crenças, conflitos.

Este estudo, então, se inscreve na linha da Análise de Discurso francesa, conforme as raízes históricas e teóricas supracitadas, e pode ser entendido como uma contribuição metodológica de abordagem ao texto, enquanto discurso, e procura dar conta da subjetividade e do sujeito do discurso, como das vozes que podem ser ouvidas no seu interior.

2.2 A FORMAÇÃO DISCURSIVA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Desde Descartes e o racionalismo, o homem atribui poder a si mesmo para conduzir o próprio destino, em nome de sua consciência e de seus saberes. Porém, este homem com a capacidade de construir sua história se abala diante do marxismo - o homem faz sua história, mas não em condições livremente escolhidas por ele. Por outro lado, vem Freud, com a sua noção de inconsciente, e desmonta a teoria racionalista, pois não se constrói um mundo com base apenas na consciência, mas, ao contrário, traz o pressuposto de que, na maior parte das vezes, o homem é levado pelo seu inconsciente, seus desejos, preconceitos e sentimentos que são muitas vezes inconfessáveis e marcados por um esquecimento de forma aparente. É com esta noção de sujeito que a Análise do Discurso trabalha resgatando a contribuição de Michel Foucault (2002, p. 58-59) ao definir a idéia de dispersão. Indivíduo e sujeito são plenamente separáveis. Um indivíduo se divide em vários sujeitos, e é “este sujeito que fala” – fala de um lugar instituído, ou seja, determinado. Este sujeito só pode falar porque, ao assumir posições diferenciadas, desloca-se e descentra-se. Caracterizado pela sua dispersão, o sujeito fala por meio do que Foucault denomina de formação discursiva, lugar que determina “o que pode e deve ser dito”, lugar este, que é historicamente determinado.

Somado a este conceito aparece a abordagem de Louis Althusser, em que todo indivíduo só se torna sujeito quando é interpelado por uma ideologia, e é dentro desta fundamentação que se pode chegar então a qualquer tipo de discurso, incluindo também o da religião.

Para Althusser (2001. p.96), toda a ideologia interpela os indivíduos concretos, através do funcionamento da categoria de sujeito”. Ou seja, os sujeitos se tornam sujeitos na medida que são obrigados a se posicionar deste ou daquele modo, tendo que escolher as palavras e usando o tom adequado diante da sua posição, ocupando um lugar determinado, o lugar de onde fala.

Em Análise de Discurso, o sujeito é entendido como efeito discursivo, não causa e origem do discurso. O sujeito se constitui no ato enunciativo e também constitui o outro, o sujeito alocutário. Essa noção de sujeito que se desdobra e assume vários papéis remete ao conceito de heterogeneidade constitutiva ou polifonia, isto é, as outras vozes que se manifestam no discurso, provenientes de uma sociedade. Essa heterogeneidade é marcada na teoria de Mikhail Bakhtin, em que se encontra o conceito de dialogismo – todos os discursos que configuram uma determinada comunidade, cultura, sociedade dialogam entre si, com os discursos que os antecederam, com os contemporâneos e com discursos futuros, uma vez que o “Outro” para o qual se destina o discurso está sempre presente no seu processo de elaboração; agindo coercitivamente, influencia decisivamente em sua forma e sentidos.

O sentido se constrói na sua forma interna e externa formando um todo significativo que inclui linguagem verbal e não-verbal, o contexto em que se realiza, o suporte que o compreende, a forma de circulação, a interação com o seu exterior, o “Outro” que está sempre presente no “Eu”, entre outros elementos. Porém, quando se entende que o sujeito sempre fala de um lugar, e que este lugar pode ser diferente do anterior, esta noção começa a fazer sentido. Para trabalhar uma formação discursiva, o analista de discurso precisa utilizar algumas regras de formação, ou seja, com regras que definem um mesmo sentido se constrói ao longo de enunciados distintos.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas as temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de formação discursiva [...]. Chamaremos de regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidades de enunciação, escolhas temáticas) (Foucault, 2001, p. 43-44)

O conceito de formação discursiva para Pêcheux, um dos fundadores da Análise de Discurso, tem mais três frentes. Elaborou a noção de ilusão discursiva, o conceito de formações imaginárias e criou as formações ideológicas. Tais conceitos são de suma importância

quando se trata do discurso religioso, e possuem sua importância, também, para a análise de todo tipo de discurso.

A ilusão discursiva na visão de Pêcheux é elaborada a partir de dois tipos de esquecimento, sem os quais não seria possível construir nenhuma enunciação. No esquecimento nº 1, o sujeito se move na ilusão de ser autor de seu discurso, e nessa recusa localiza o outro para delimitar e circunscrever o próprio território. (Brandão, 1994, p. 43-44) Só se é alguém em relação ao outro, e nesse movimento de reconhecimento ou diferenciação se constitui o caráter dialógico da linguagem. É tomando por base este tipo de apagamento, em que ninguém é autor de seu discurso e acrescentando a ele a compreensão das formações ideológicas, pode-se dizer que um discurso é sempre um efeito de sentido. No esquecimento nº 2, o sujeito apaga a idéia de que seu discurso é a escolha de determinadas expressões estratégicas. Chama-se a isso processo de denegação. Escolho esta forma para não escolher outra. Dou lugar ao dito e recuso o não-dito, porém isso não acontece de maneira voluntária. O sujeito esquece sua escolha e confirma desta maneira que o apagamento é necessário para sua vida psíquica, pois é parte constitutiva da ação discursiva deste sujeito, o que viabiliza o aparecimento de outras vozes no discurso. É a rede onde se interagem e se articulam as vozes no discurso. A linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, em que outras vozes querem e precisam ser ouvidas, ou então até mesmo caladas. Para Orlandi (1995, p. 37) o silêncio também constitui o discurso, “o que indica que para dizer é preciso não dizer” (uma palavra apaga necessariamente as outras). Pode-se somar a este silêncio, o silêncio “local”, em que certos dizeres são proibidos. Procurar “não-silenciar” o silêncio muitas vezes diz mais sobre ele, suas intenções, seus interesses e sua força, do que a análise da superfície da informação dada. Este é um dos motivos que fazem da Análise de Discurso uma teoria e um método de muito mais profundidade que a análise de conteúdo.

Pêcheux formulou ainda mais um conceito, o de formações imaginárias, no qual o sujeito que fala possui dois horizontes imaginários, nos quais se desloca na enunciação dirigida ao seu interlocutor e, reflete sobre si mesmo. No primeiro, o locutor se pergunta “quem sou eu para lhe falar assim?” (qual a minha posição?), depois pergunta “quem é ele para que eu lhe fale assim?” (qual é o lugar dele?). Também do lugar contrário, em que o próprio interlocutor reflete sobre si mesmo e trabalha com outros dois horizontes e pergunta: “quem sou eu para que ele me fale assim?”, e em especial “quem é ele para que me fale assim?”.

É com esta riqueza de detalhes, proporcionado pela Análise de Discurso, que se pretende trabalhar o discurso do Papa Urbano II descortinando, os sentidos – porque outras interpretações são sempre possíveis - aquilo que não ficou transparente “na” e “pela” linguagem, ou seja, como o Papa conseguiu levar uma multidão a Primeira Cruzada.

2.3 DISCURSO E IDEOLOGIA: PARA PENSAR O TEXTO COMO DISCURSO

2.3.1 A subjetividade e a linguagem

Para entender a subjetividade, preocupação e estudo antigos dos filósofos — a filosofia e suas reflexões foram, praticamente, a base para os estudos da linguagem — há de se entender a sua “porção filosófica”.

Segundo Chauí o deslocamento da subjetividade na filosofia contemporânea tem por fulcro a afirmativa de que o pensamento contemporâneo contesta um dado conceito/uso da subjetividade, ou seja, os filósofos gregos tinham um ponto fixo como condição inicial

para o pensamento, capaz de definir a existência das coisas, dos seres humanos e de todos os conhecimentos: o Ser, princípio da existência e da existibilidade do real. Para os gregos, ao Ser cabia apenas reconhecer, pois sua existência, autônoma, era algo exterior ao ser humano, a quem cabia apenas uma função de reconhecimento e não de construção do saber. Assim, desloca-se a unidade do Ser para fora do mundo. Em Deus tem-se a criação em primeiro grau; no artesão, a criação de segundo grau, e no artista, a criação de terceiro grau, níveis que refletem graus de afastamento da verdade, em um estágio no qual ainda não se discute a questão da subjetividade como processo produtor da verdade. O que caracteriza o advento da subjetividade na filosofia é o deslocamento do ponto fixo do Ser para a Consciência, "uma capacidade [...] que reconhece ou que produz, a partir de si mesma, o sentido do real, pela produção de idéias ou conceitos dos objetos e dos estados interiores: [...] definem aquilo que a Filosofia denomina sujeito" (1995, p. 117).

Assim se dá o deslocamento de um ponto fixo no Ser (fora do ser humano) para o seu interior, acompanhando o cartesianismo, que traz uma filosofia humanística cujo ponto de partida é o homem interior, ou seja, a subjetividade. A verdade não é mais simplesmente reconhecida, mas produzida pelo ser humano no processo de percepção de si próprio. A partir daí, a filosofia humanística faz da consciência a primeira certeza, fundamento para todas as outras. A subjetividade passa a ser entendida como capaz do reconhecimento e da produção do saber.

Em sua origem cartesiana — Descartes coloca em dúvida tanto o mundo das coisas sensíveis quanto o das inteligíveis, ou seja, o que pode ser apreendido por meio das sensações ou do conhecimento intelectual, pois os sentidos enganam e as idéias são confusas — nem um nem outro podem oferecer certezas e, portanto, conduzir ao entendimento da realidade. A razão seria a única coisa verdadeira, da qual se deve partir para alcançar o conhecimen-

to, para reconhecer algo como verdadeiro. Portanto, é necessário usar a razão como filtro e decompor esse algo em partes isoladas, em idéias claras e distintas.

Logo, para garantir que a razão não se deixe enganar pela realidade - tomando como evidência o que de fato não passe de um erro de pensamento ou ilusão dos sentidos -, há de existir um ser que é perfeito, um ser que deve ter a perfeição da existência, caso contrário, lhe faltaria algo para ser perfeito. Portanto, Deus existe, Deus é o Ser; a subjetividade vai transformar o conhecimento dessa realidade: o real passa a ser apreendido pela consciência, deixando de ser algo que se manifesta por sua força interna e com a mesma inteligibilidade. Desde então, acontece uma separação entre sujeito e objeto, agora independentes. O objeto, agora exterior, passa a ser algo que é representado por um sujeito que lhe confere sentido. Ou seja, o sujeito se apropria do objeto, de algo que lhe é heterogêneo, converte-o em idéia e torna-o homogêneo à consciência. (Chauí, 1995, p. 123)

A noção de representação não admite a contradição porque pressupõe que o entendimento obedece ao princípio da identidade, por isso opera compartimentando o real, classificando, dividindo, segmentando o universo, em operações separadoras feitas pelo entendimento classificatório, que são ditadas pelo desejo da transparência e da identidade das coisas. Assim, a identidade de um ser não está nele mesmo, mas naquele ser ao qual se opõe. Neste contexto, o ponto fixo é substituído pela dinâmica da dialética, deslocando a subjetividade da identidade para a relação opositiva que todo ser mantém com o outro.

Também Foucault (apud Brandão, 1998, p. 47), entende que a subjetividade não emerge com a noção de subjetividade ou com a noção de representação, mas com a noção de ser humano, de indivíduo. A subjetividade só pode nascer quando o ser humano passou a ser reconhecido como dotado de características que o distinguem da natureza, ou seja, quando é capaz de apropriar-se da natureza pela capacidade de trabalho, capacidade de simbolizar e de

fazer uso da linguagem. Assim, se o ser humano se distingue pela linguagem, na análise da constituição da subjetividade há de ser estudado em suas diferentes práticas discursivas.

Essa concepção de subjetividade solidária com a noção de representação pode ser desfeita ao se observar a maneira pela qual a subjetividade se manifesta pelo conhecimento, cujo percurso é aquele fornecido pela análise de emergência da subjetividade na linguagem.

No campo da linguagem, as reflexões sobre a subjetividade herdaram a noção de representação da filosofia cartesiana, em que se reconhece duas tendências para mostrar a linguagem:

- a) enquanto função representativa do real;
- b) enquanto função demonstrativa.

No primeiro caso, de acordo com a epistemologia clássica, positivista, cartesiana, a linguagem pode ser objeto da semântica representacional, tendência que tem como centro as condições de verdade do enunciado, em que este só será verdadeiro se corresponder a um estado de coisas existentes. Enquanto a preocupação estava voltada para a representação do real, não se questionava o papel do sujeito .

No segundo caso, a função representativa da língua sofre um deslocamento na epistemologia clássica, trazendo uma nova maneira de mostrá-la, apreendendo-a enquanto função demonstrativa. Nesse caso, a língua adquire espessura própria, vista, agora, encontrar-se livre da concepção de estar centrada na capacidade de exprimir representações o que permite entendê-la em sua especificidade. A partir deste momento, o sujeito passa a ocupar uma posição privilegiada, já que a verdade deixa de ser algo que se manifesta por sua força interna e passa a ser algo representado por um sujeito que lhe dá sentido. Assim, a noção de representação desloca-se do eixo da verdade para ser solidária com a subjetividade (Brandão, 1998, p. 37).

Portanto, é porque se constitui o sujeito que a linguagem pode representar um dado acontecimento, ou mesmo, o mundo, porque o autor (leitor) fala, apropria-se da linguagem, instaura nela a sua subjetividade, e, é neste sujeito constituído (na) pela linguagem que o autor (leitor) pode falar, representar aquele acontecimento, ou mesmo o mundo.

Essas duas tendências permitem observar o deslocamento de uma concepção de sujeito que constitui o mundo classificando-o, nomeando-o; um sujeito detentor de certezas, marcado pela preocupação da transparência e da identidade, para um sujeito que, ao produzir a linguagem, se constitui pela linguagem e se enreda na sua trama.

2.3.2 A subjetividade no discurso religioso cristão

Na consideração de que o discurso religioso cristão tem, historicamente, uma influência marcante nas várias culturas do ser humano, são determinados atos de fala e certos limites religiosos que devem ser analisados. Objetivamente, uma religião, qualquer que seja, é um conjunto de crenças, leis e ritos que visam colocar o homem em contato com um poder maior, que ele considera supremo, do qual se julga dependente e do qual ainda espera poder obter alguns favores.

Como forma de conhecimento que parte da singularidade para a pluralidade dos fatos, o que é evidente no discurso religioso cristão é a “Palavra”, caracterizada pelo livro da “Escritura Sagrada”. O discurso religioso cristão é o fenômeno apreendido em sua singularidade.

No discurso religioso elabora-se uma linguagem com vista à pretensa “objetividade” e “imparcialidade”; procura-se eliminar a subjetividade na enunciação, causando um efei-

to de sentido que leve à verdade. Faz parte de sua estratégia discursiva o “fazer crer”, que se sustenta através do uso da linguagem, a qual segue formas padronizadas e bastante difundidas, encontradas facilmente nos manuais deste tipo de instituição.

A religião, como tudo que circula neste mundo, está longe do mundo que pretende retratar. É imperfeita, complexa e inacabada, como ele. Em seu interior movem-se sujeitos plenos de vontades, pensamentos, idéias e interesses a defender. Mesmo quando tais interesses parecem ser nobres ou ainda de validade universal, mesmo nestes casos, os religiosos são sujeitos que lutam a fim de conciliar critério ético e religião com palavras, as quais “julgam” ser relevantes e organizadas do ponto de vista mais adequado. Porém, falar em “nome de Deus” é dar margem para a subjetividade, ou seja, é assustador falar em subjetividade, ainda mais quando se fala em um “Ser Onipotente” e de vida espiritual. A Análise de Discurso, contudo, abre uma brecha e ilumina este falso dilema e teoricamente dá uma resposta a esta questão, a da subjetividade.

2.3.3 A questão da reversibilidade do discurso

Como critério subjacente para todos os tipos de discurso está a questão da reversibilidade entendida aqui como a troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui. E ainda sobre essa questão (a de reversibilidade), não se pode fixar de forma definitiva o locutor no lugar do locutor e o ouvinte no lugar do ouvinte. Esses lugares não são definidos em sua essência, mas sim quando referidos ao processo discursivo, em que um é definido pelo outro e, nesta relação se define o espaço da discursividade.

A questão da reversibilidade então se torna a condição do discurso, ou seja, ele só acontece se for reversível, muda de sentido conforme sua condição de produção. E, sem esta condição o discurso não se constitui.

No entanto, no discurso autoritário, mesmo que esta condição (a da reversibilidade) seja o seu parâmetro, ele procura anular a sua possibilidade, que não se apresenta de fato e sim como ilusão, proporcionando dessa forma a sua sustentação. Isso ocorre porque no discurso autoritário a questão da reversibilidade tende a zero, quando é zero ele se rompe, desfazendo o contato, a relação e o domínio, que é o seu escopo, este fica comprometido. Por isso há a necessidade e o desejo de mantê-lo reversível, daí a ilusão, que pode ser manifestada de maneiras diferenciadas. A reversibilidade necessita de mais outro critério para a distinção tipológica, o da polissemia, o que leva a constatar que no discurso autoritário há uma tendência à monossemia, pois como se sabe um discurso tem relação com outros discursos, se constitui através de seu enunciado num contexto imediato e pelo contexto histórico-social, instituindo-se na relação das formações discursivas e ideológicas. Isso possibilita dizer que todo discurso é polissêmico, mas que no discurso autoritário procura se tornar estanque à polissemia.

A noção de reversibilidade está automaticamente ligada à polissemia, e falar em ilusão da reversibilidade também significa falar nas condições de significação do discurso autoritário, comprometendo dessa forma uma “pretensa” monossemia.

O Discurso Religioso, objeto de reflexão nesta pesquisa, pode ser considerado segundo a tipologia, como um discurso autoritário e, o que se pretende buscar nesse estudo, sintetizando os objetivos já estabelecidos, é mostrar como acontece a reversibilidade do discurso religioso do Papa Urbano II, no Concílio de Clermont, na França, à conclamação da primeira Cruzada.

2.3.4 A ilusão de reversibilidade

A ilusão de reversibilidade, nasce de uma visão, de uma profecia, da performatividade das fórmulas religiosas e de uma revelação. Ilusão entendida como a passagem de um plano para o outro ou de um mundo para o outro.

Esta ilusão possui duas divisões:

- 1) o homem caminha até Deus,
- 2) Deus vem ao homem e com ele divide suas qualidades.

Direções estas que constituem as formas de ultrapassagem. No caso em que o homem se direciona a Deus e alcança suas qualidades (onipotência, onipresença, eternidade, etc.) está a profecia, a visão ou o misticismo. Este movimento, de baixo para cima, proporciona um lugar aos profetas, aos videntes e aos místicos. No movimento contrário a este, Deus vem ao homem e divide com ele suas qualidades, é o que se realiza através de regras ou fórmulas religiosas nos atos de performatividade, lugar que o Papa, os Bispos, os Padres, entre outros, que ministram os sacramentos, as santas missas, as bênçãos, etc. O milagre, inserido sob essa perspectiva, confere à questão da reversibilidade resultado da soma da interferência divina e da inexistência da explicação científica.

Qualquer que seja a forma de ilusão, trata-se sempre de uma ilusão que produz e se mantém dentro das regras, nas quais se confirma, como última instância, a dessimetria dos planos em que se constitui.

Numa perspectiva pragmática, a linguagem é uma forma de ação em que cada ato de fala é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado (Maingueneau, 1997, p. 29). No caso do discurso religioso, as fórmulas religiosas só adquirem validade se as condições exigidas estiverem efetivamente apropriadas e configuradas. Logo, para a realização desses atos o sujeito deve seguir o ritual da linguagem religiosa, e

isso pode ser feito somente por aquele que está habilitado para tal, o que lhe credita o lugar de detentor do poder e diz: “Eu te batizo”, “estão casados” ou tudo que se refere às orações que devem ser feitas em condições exatas. No discurso religioso o poder da Palavra é evidente e a performatividade esclarece a visão da linguagem como ação. Este mecanismo ainda constata a dessimetria trabalhada no decorrer da pesquisa, em que:



A distinção acima mostra a diferença de poder existente entre os interlocutores, em que os atos de fala acionam convenções reguladas institucionalmente entre os sujeitos, e o poder da palavra se distribui de forma organizada na relação homem/ Deus.

7Esta é a diferença fundamental entre o discurso religioso e os demais discursos: político, jurídico, pedagógico etc., em que o sujeito é transformado e ocupa o lugar próprio, dadas as suas condições. Um exemplo pode ser visto pelo discurso do professor, no qual o sujeito, ao tomar posse do diploma, fala do lugar do professor, seu próprio lugar. O que não acontece no discurso religioso, em que o seu representante é apenas um mediador de suas palavras e não é confundido com o próprio Sujeito, Deus. Conforme Orlandi (1996, p. 253), essa é a expressão fundamental da não-reversibilidade, o que constitui a derivação da ilusão, condição necessária para este tipo de discurso – como se fosse sem nunca ter sido.

2.3.5 A ilusão de reversibilidade e a blasfêmia

Entre outros fatores, o sagrado revela a relação com o poder, neste caso, com o poder Absoluto. A ilusão de reversibilidade tem seu alicerce na “vontade de poder”, que é determinada pelo tempo e pelo espaço, vai além dos limites, ou seja, é a detenção do poder e sua ultrapassagem.

A ilusão de reversibilidade produz no sujeito um sentimento da sua identificação com Deus, o de ser o próprio Deus, mas, para tal, tem processos próprios, demonstrando assim a legitimidade da ultrapassagem. Entretanto, vista sob outro ângulo, esta ultrapassagem realizada sem o processo apropriado (ou institucionalizado?) transforma-se em transgressão, que também é uma forma que proporciona prazer de experimentar o poder de Deus.

A transgressão pode ser entendida como uma interrupção das regras estipuladas pelo jogo, como é o caso da blasfêmia, da heresia, do pecado e também pode ser entendida como um conchavo com o diabo em relação ao lugar ocupado. Essas maneiras de se apropriar de um lugar que jamais poderá ser ocupado, na realidade, são maneiras de excluir a si mesmo.

Nos estudos sobre interdições de Nancy Huston, pode ser constatada a importância sobre o lugar dado à Palavra, a qual tornou-se grande motivo de preocupação para o cristianismo. Para esta autora, a blasfêmia se apropria daquilo que não é apropriável e apresenta como marca principal a gratuidade: em que não se muda nada, não traz nada e não prejudica o homem. Porém, ela exerce uma liberdade, tida como motivo de pecado. Aquele que blasfema, ofende a Deus de modo gratuito e de modo malicioso. Como se apresenta essa ofensa? Com a utilização do nome de Deus em vão. E, a partir do momento em que há uma ofensa, também existe uma possibilidade de aproximação com Deus, o que pressupõe sua compreensão, daí o motivo de não poder blasfemar.

A blasfêmia, nessas considerações nasce da relação da não-reversibilidade e da necessidade de ultrapassá-la. Então, no lugar em que Huston diz: “Essa gratuidade reside no exercício de uma liberdade”, pode-se dizer também que, “Essa gratuidade reside no exercício de uma liberdade, porém numa liberdade sem limite” (apud Orlandi, 1996, pp.254-256)

Huston (apud Orlandi, 1996, p. 255) diz ainda, a blasfêmia vem da contradição, mas não da contradição entre os termos e sim da contradição encontrada no interior da palavra, ou seja, dessa mesma palavra. Tal contradição nasce da idéia dualista de mundo, da diferença entre corpo/ alma ou espírito/ matéria, bem/ mal, etc. Esse sentimento de contradição é muito comum e muito forte na religião e está sempre presente na blasfêmia como Deus e o Diabo que, ditos em uma mesma situação, podem ter o mesmo significado. Esta condição de distanciamento entre Deus e o Diabo pode acabar por confundi-los e o prazer de blasfemar para o cristão vem justamente desse distanciamento infinito. Esta relação com o diabo contraria o poder sagrado e por isso há necessidade de se apontar para o lado oposto, resultando assim na ilusão de reversibilidade.

Do ponto de vista cristão o homem possui uma única “escolha”, a de ficar do lado do bem e de seu representante, Deus.

2.3.6 A ideologia e a formação do(s) sujeito(s) no discurso cristão

Para Althusser, a estrutura formal de qualquer ideologia é igual. O autor reúne no discurso religioso católico o que se diz através de teólogos, em seus sermões, suas práticas, suas cerimônias e seus sacramentos. Como exemplo da ideologia cristã aqui está um fragmento de um discurso, católico:

Dirijo-me a ti, indivíduo humano chamado Pedro (todo indivíduo é chamado por seu nome, no sentido passivo, não é nunca ele que se dá um nome) para dizer que Deus existe e que tu deves lhe prestar contas. Ela acrescenta: É deus quem se dirige a ti pela minha voz ... Eis o que tu deves fazer! Se, o fizeres, observando o “mandamento do amor”, tu serás salvo, tu Pedro, e farás parte do Glorioso Corpo de Cristo! Etc (2001, p. 99).

Na teoria de Althusser o termo central e decisivo é o de sujeito, que, somado ao de ideologia, serve de alicerce para sua tese: só existe uma prática através de e sob uma ideologia e só existe ideologia através de sujeitos para sujeitos. Na observação do fragmento acima se constata que todo procedimento de ordem religiosa cristã produz sujeitos cristãos. Porém, para que tais sujeitos existam, é preciso estar sob a condição da existência de um Outro Sujeito, que deve ser Único e Absoluto, ou seja, Deus.

Para o autor, Deus se define a si mesmo e por isso é Único e Absoluto, aquele que é por si e para si e os demais sujeitos – diferenciados pela letra maiúscula dos demais – indivíduos comuns que a ele são submetidos. Essa submissão causa um efeito de reconhecimento, em que os sujeitos se reconhecem como sujeitos que pertencem a Deus, são seus interlocutores-interpelados. Então Deus precisa dos homens para tornar-se Sujeito e os homens precisam de Deus para tornarem-se sujeitos.

Portanto, há um desdobramento do Sujeito em sujeitos e de sujeitos em Sujeito. Com isso Althusser procura mostrar como a estrutura de toda ideologia é especular e duplamente especular: submete os sujeitos ao Sujeito e proporciona no Sujeito garantia de que é efetivamente deles e Dele se trata.

Em resumo, para Althusser essa ideologia duplicada da estrutura cristã assegura:

- a) a interpelação dos indivíduos como sujeitos;
- b) sua submissão ao Sujeito;
- c) o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, entre os próprios sujeitos e, finalmente, o reconhecimento da cada sujeito por si mesmo;

- d) a garantia absoluta de que tudo está bem assim, e sob condição de que se os sujeitos se reconhecerem e se conduzirem de acordo, tudo correrá bem: “assim seja”.

Tais reflexões em Althusser evidenciam a ambigüidade proveniente da palavra “sujeito” e a verdadeira acepção desse termo que “deveria” ser: um indivíduo livre e responsável pelos seus atos; um ser submetido a uma autoridade superior, e conseqüentemente sem liberdade, a não ser a de aceitar sua própria submissão. A ambigüidade do termo conduz a outro sentido da palavra: coerção, repressão, exploração.

A Religião tem um domínio privilegiado para se observar o funcionamento da ideologia – entre outras coisas, o poder atribuído à “Palavra” (Orlandi, 1996, p. 242).

Neste trabalho de pesquisa se objetiva pensar no discurso religioso como aquele que “fala na voz de Deus” e tem sua representação através dos padres, pregadores, entre outros. O discurso religioso católico, neste contexto, segue o parâmetro de caráter exploratório, a partir do qual se observa a forma de religião no geral, isto é, as várias maneiras criadas pelo homem para se comunicar com o transcendental.

Na caracterização de que o discurso religioso fala na voz de Deus, observa-se um notável desnivelamento entre o locutor, Deus, e o ouvinte, homem, os quais pertencem a dois mundos completamente diferentes, o espiritual e o temporal, em que prevalece o valor hierárquico e que se constitui através da desigualdade. O mundo espiritual é aquele que domina o mundo temporal e Deus é o seu locutor. Para aqueles que seguem a fé cristã, Deus é imortal, infalível, infinito e também o Todo-Poderoso. Já os ouvintes e, no caso, os humanos, são mortais, falíveis, finitos e dotados de poder relativo, o que demonstra a completa dominação de Deus sobre os homens.

Outros fatores são decorrentes dessa assimetria: mortalidade/ imortalidade, bem/ mal, infinito/ finito, profano/ sagrado, e entre eles existe uma conscientização do homem para

a vida e para a morte; há também a necessidade de se alcançar à salvação eterna e o caminho para a fé.

Uma vez que é fixada essa grande desigualdade entre o homem e Deus, existe uma tendência à não reversibilidade, em que o homem não pode se apropriar do espaço que pertence a Deus, seu verdadeiro e único locutor.

2.3.7 O discurso teológico e o discurso religioso cristão

Se considerada a distinção entre o discurso teológico e o discurso religioso, as observações, aqui, estão mais concentradas sob o domínio teológico. O discurso teológico é nesse caso, aquele que realiza a mediação entre a alma religiosa e o sagrado através do mecanismo dogmático das verdades religiosas, pelo qual o teólogo utiliza a relação entre os mundos hebraico e cristão, o que caracteriza a sua formalidade. Ao contrário do discurso teológico, o discurso cristão tem uma relação de espontaneidade com o sagrado, o que caracteriza a sua informalidade.

Considerada a propriedade, a reversibilidade no discurso religioso, e naquilo que lhe diz respeito, mesmo que possa haver uma relação direta com o sagrado, a não-reversibilidade é mantida, mantendo também a dessimetria. A reversibilidade não está em se falar também, ou se falar diretamente. Mesmo que o eu-cristão fale diretamente com Deus, este poder falar não muda em nada a posição de Deus, o seu estatuto jurídico permanece, e conseqüentemente o lugar de submissão do homem se perpetua.

Esta fala com Deus é efetivada conforme rituais e fórmulas, que se concretizam nas orações ou expressões conhecidas como: “Se Deus quiser!”. Uma vez que tais fórmulas não afetam a reversibilidade e a dessimetria, a qualidade do discurso entre os interlocutores

permanece, de um lado está Deus dotado de onipotência e do outro está o homem com sua submissão.

Mantida essa dessimetria, há necessidade de seguir regras, as quais se transformam em qualidades para que o homem seja ouvido: fé, bondade, caridade, perdão, pureza etc. Essa relação de dualidade é fundamental, pois a alma religiosa só se define por causa da relação com o Sujeito Absoluto, Deus. Então os sujeitos, para serem ouvidos, devem ter as qualidades daquele homem que tem fé.

Como a reversibilidade, eixo que norteia o discurso religioso, não é afetado então a diferença entre os dois tipos de discurso não se faz necessária. Porém, tais noções são muito mais complexas, e apenas uma breve abordagem pode ser recebida como objeto de reflexão para este estudo.

Segundo Gramsci (apud Orlandi, 1996, p. 248-249) sob a pretensa homogeneidade ideológica há na religião –enquanto estrutura cultural – uma subdivisão em relação aos grupos sociais atingidos. Toda religião é, realmente, um conjunto de religiões que diferem e que muitas vezes se contradizem. O catolicismo, por exemplo, divide-se em catolicismo de camponeses, catolicismo de mulheres, catolicismo para estudiosos, catolicismo romano e brasileiro; no entanto, isto é camuflado.

A heterogeneidade social e ideológica explica a divisão de uma mesma religião, na qual são encontradas a teologia e a religião popular colocadas de maneira distinta. A teologia, no catolicismo, se manifesta como filosofia da religião, que pertence aos intelectuais religiosos; a religião tida como popular constrói somente o que é essencial da ideologia componente do folclore e do senso comum. Segundo Gramsci, da religião popular participam: formas precedentes do catolicismo atual, movimentos heréticos populares, superstições científicas vinculadas às religiões do passado etc.

Em conjunto, não se pode deixar de reconhecer que existe uma variedade no que se refere à forma e às funções da religião.

Em Gramsci observa-se também que a religião divide-se em duas dimensões: a de concepção de mundo e a de atitude prática. Relativamente à concepção de mundo, pode-se verificar a relação entre filosofia, senso comum e folclore: “o senso comum é o folclore da filosofia e se acha sempre na metade do caminho entre o folclore verdadeiro e próprio (quer dizer tal como se considera comumente) e a filosofia” (apud Orlandi, 1996, p. 248).

Para Gramsci o senso comum se classifica como termo médio, o folclore corresponde à visão de mundo das classes menos privilegiadas ou dominadas, enquanto a filosofia é a atitude intelectual nas classes mais privilegiadas ou dominantes.

Esta distinção da ideologia religiosa entre a intelectual e a popular demonstra o materialismo da religião popular e a especulação dos teólogos. Esta contradição dos termos coloca a religião (católica) como se fosse uma doutrina utópica.

Segundo Portelli (apud Orlandi, 1996, p. 249), “a linha teórica de Gramsci, desde os escritos da juventude aos Quaderni, se baseia em duas críticas constantes: a do materialismo positivista e a do idealismo especulativo. Essa dupla crítica culmina na análise da religião: esta é com efeito, a síntese desses dois erros teóricos”.

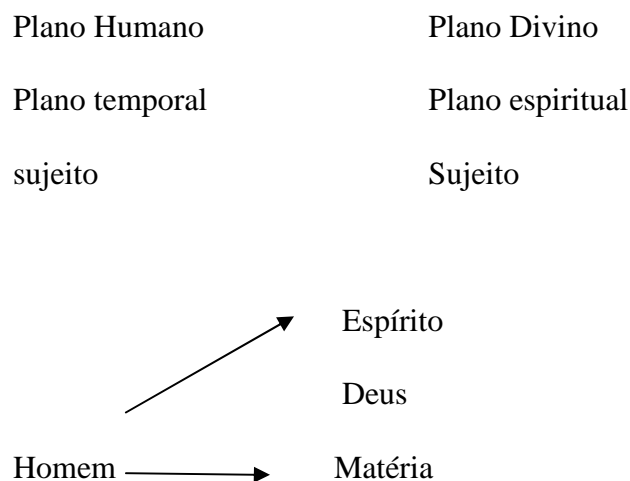
Concordando com Gramsci, é importante que se faça uma crítica que leve à reflexão sobre a religião, e como a proposta, aqui, é a de não diferenciar o discurso religioso do discurso teológico, a preferência então, é a de trabalhar no interior da tensão que os constitui em sua relação.

2.3.8 A força do Senhor e a fé

Ainda em Gramsci (apud Orlandi, 1996, p. 249-251), no escopo dos dualismos, característica da religião, é encontrada a sua grande contribuição, como a concepção colocada entre homem e Natureza. Concepção esta, considerada negativa pelo autor, pois ambos são representados através de dois mundos diferentes. Na natureza a realidade é objetivada na materialidade (mundo exterior) apreendida, enquanto na relação homem/ Deus, o homem é considerado como espírito, ser que não depende da materialidade.

Esse dualismo entre homem/ natureza, espírito /matéria possibilita uma articulação entre os planos espiritual e temporal, em que o sujeito de fé deve ter como condição: qualidades do espírito para que a relação com o Sujeito tenha sua validade.

O quadro a seguir representa um aspecto aproximado desse dualismo:



Este quadro dualista aponta para a articulação existente entre homem/ Deus, através da noção de espírito, porém para que se entenda esta passagem é preciso ter uma noção sobre a questão da fé. A fé é uma das qualidades que o espírito deve ter para conseguir alcançar o caminho da salvação, direção que pode ser mudada porque o pecado existe.

Para esse objeto de estudo é importante que seja feita uma observação sobre a fé como sistema de referência, em que não se muda a relação de não-reversibilidade e só é recebida pelo Supremo (Deus) entre as outras graças proporcionadas por ele.

A fé distingue os não-fieis dos fieis, por isso constitui o escopo do discurso religioso. Para o homem que é provido de fé o discurso religioso é formado através das promessas, mas para aqueles que não são, torna-se uma espécie de ameaça. Portanto, pode ser dito que a fé é o parâmetro em que se inicia o processo de exclusão, e a Igreja é o espaço onde se constitui esse processo. A Igreja se constrói por si mesma através da palavra da revelação, do livro-guia, elo crucial do sujeito com o dizer sagrado, que representa um ponto cego do discurso, a forma primeira e evidente da fé. Tida como dom divino, a fé é submetida ao espaço da Igreja e seus mandamentos, o que comprova a existência da não-reversibilidade no discurso da religião.

2.3.9 A representação do sujeito na prática discursiva cristã

O processo de incorporação como foi colocada no discurso religioso – uma voz que se representa pela outra – é uma forma de mistificação, na qual o mecanismo de representação não é identificado. Este “como se” deve ser distinto do “fazer de conta” no discurso, e não tem relação com o imaginário, mas sim, com o simbólico. Portanto, no discurso religioso cristão Deus é representado pelo Papa, ou seja, a voz do Papa é a de Deus, representação, neste caso, de ordem simbólica.

As formas de representação no discurso se diferenciam; uns possuem maior autonomia, outros menor, porém no discurso religioso cristão a autonomia é nula, pois a voz de Deus não pode ser modificada de nenhuma forma. Aquele que representa a voz de Deus é

dirigido pelo texto sagrado, pela Igreja, pelas cerimônias específicas como, casamento, batizado, missa etc.

Uma vez que no discurso religioso cristão há uma assimetria entre locutor e ouvinte, pode-se dizer que existe um afastamento entre “a palavra de Deus” e a do homem, o que mantém a obscuridade neste tipo de linguagem.

Com a obscuridade, aparece também a possibilidade de várias interpretações, porém, mesmo seguindo os regulamentos, as diferenças se apresentam e são consideradas, no caso, transgressões, pecados.

No discurso religioso, a interpretação é fortemente monitorada e por isto tende à monossemia. No discurso religioso cristão, a interpretação é própria da igreja que segue seu livro guia, a Bíblia.

A assimetria, além de aparecer na palavra e na interpretação, aparece também no que se refere aos dois tipos de planos, no temporal e no espiritual. Segundo essa assimetria, os agentes da interpretação constituem-se em dois tipos:

- No plano temporal, a relação com o sagrado, na religião católica, se dá pelos representantes da Igreja como o Papa, os Bispos e os Padres.

No plano espiritual, esta relação se manifesta através dos santos e de Nossa Senhora.

Jesus Cristo, mais acessível, ocupa um lugar à parte no plano espiritual e, como filho de Deus, representa o próprio Deus (Orlandi, 1996, p. 246).

2.3.10 A relação propriedade/ marcas do discurso religioso

Sobre o discurso religioso, segundo Orlandi (1996, p. 256), deve-se mencionar que há uma diferença fundamental entre propriedade e marca no domínio da teoria do discurso. Para a autora, a propriedade abarca a totalidade do discurso e a marca refere-se à organização do discurso.

A reversibilidade, propriedade do discurso religioso no plano espiritual e temporal a não reversibilidade é uma de suas formas determinadas. Dessa propriedade ainda se diz que existe o “fato” de Deus falar através de um representante e que este não tem nenhuma autonomia para falar no que diz respeito à fala do Supremo. Mesmo sendo legitimado para falar em seu nome, jamais poderá mudar o seu dizer.

Portanto, nesse contexto são encontradas as formas de ilusão de reversibilidade que configuram a transgressão e a ultrapassagem que podem ser vistas na relação homem/poder na qual Deus é dotado de poder absoluto e o homem apenas da vontade de ter esse poder.

A partir da dessimetria dos planos são encontrados os traços e as marcas existentes nos plano espiritual e temporal. Tais marcas aparecem nos textos com a utilização de antíteses, forma de significado que corresponde à dessimetria. Como os mundos entre os planos são opostos e hierarquizados, a antítese no processo gramatical se dá através da negação, e tem seu efeito invertido no que tange à diversificação de ordem dos planos.

Temporal _____ / _____ Espiritual
 morrer para viver
 não ver para ver
 perder-se para salvar-se
 etc.

Sob a perspectiva pragmática o processo de negação corresponde ao sim pressuposto pelo ouvinte. No discurso religioso um dos fatores predominantes é o de negar a negação. Isso ocorre da dessimetria em que, caracterizados os valores negativos acumulados pelo homem, estes correspondem ao não a Deus, pois ao nascer o homem já vem provido de pecado, o que significa uma negação de Deus. Porém, no discurso religioso esse não para Deus deve ser negado, o que pressupõe o sim do homem em relação a Deus.

Esse processo de denegação referente à fé – dispositivo com finalidade de conduzir à salvação – tem o objetivo de explicar a típica configuração que se apresenta das grandes partes de vários tipos de discurso religioso.

Orlandi (1996, p. 258) apresenta um esquema que configura a organização dessas grandes partes típicas do discurso religioso:

Exortação - Enlevo - Salvação

Para a Exortação são distinguidos os componentes:

- a) na identificação dos sujeitos entre si, uma vez que para transformar é preciso, antes, se reconhecer na igualdade. A característica desse processo de identificação pode ser vista no sermão em que o padre diz: “Caríssimos irmãos!” – diferente dos demais discursos que começam: “Caros companheiros e companheiras”, Senhores e Senhoras”, o que atribui aos ouvintes outros tipos de identidade.
- b) A quantificação divide a comunidade quando separa o “nós” de “aqueles que”, constituindo desta forma um processo de exclusão.
- c) A denegação.

Quanto ao Enlevo pode-se dizer que corresponde ao processo de identificação com os propósitos divinos e muito mais, pois proporciona ao sujeito o mecanismo da ultrapassagem configurando a ilusão de reversibilidade.

Quanto à Salvação pode-se dizer que é formada através do pedido feito pelo representante ou através do agradecimento que o ouvinte apresenta, ou seja, o fiel, a alma religiosa.

Outros traços também podem ser identificados no discurso religioso como: a utilização do imperativo vocativo e do vocativo; a utilização da linguagem metafórica explicada nas paráfrases, próprias do discurso doutrinário, enquanto forma, pois como o discurso religioso é obscuro e por isso para ele pode haver várias leituras, as paráfrases se constituem como um recurso próprio para a metáfora; outro processo é o das citações feitas em latim e que são traduzidas através de perífrases longas e explicativas, o que retiram todo efeito de sentido manifestado na diferença entre as línguas; a utilização dos performativos; o uso de orações cristalizadas etc. Uma função de grande importância para as caracterizações textuais se dá através da parábola, típica do discurso religioso ou de temas como: vida eterna entre outros.

Para Orlandi, essas formas são fundamentais para construir as marcas do discurso religioso e podem derivar de qualquer análise lingüística ou unidades de expressão. (1996, p.259)

Essas regras, enumeradas pela autora, são apresentadas na relação entre texto e suas condições de produção. Uma característica muito forte do discurso teológico é a intertextualidade, definida pela remissão de um texto a outros textos para que ele adquira significado. Isso permite definir o discurso teológico como um discurso sobre o outro discurso, ou seja, o momento imediato da enunciação, no qual consta apenas como comentário ao texto de origem.

Nessa perspectiva de pesquisa, o discurso teológico de caráter conservador, acontece porque seu representante não possui autonomia em relação à voz que fala nele. Há sempre uma falta de clareza nessa fala, que fala para os homens, ou seja, todos os homens. Esse discurso então, em condição imediata só entra como ilustração para reafirmar a condição divina.

Uma vez estabelecidas, as marcas e as propriedades, estas marcas devem referir-se sempre às propriedades como condição de existência do discurso religioso. Conclui-se, portanto, que os traços não pertencem e não são exclusivos para um mesmo tipo de discurso, mas também são comuns aos outros discursos como, publicitários, jornalísticos, jurídicos etc.

O que define um tipo de discurso é, na verdade, a utilização das formas e traços no que se refere às propriedades. O que se pode observar no discurso religioso é a condição de especificar as relações entre os três fatores que o caracterizam: (situação) a assimetria dos planos espiritual e temporal, a não reversibilidade, propriedade do discurso religioso; (texto) o uso de antíteses, metáforas, parábola, etc., (gramática) o processo de denegação, as perífrases e as paráfrases, etc., os traços do discurso religioso.

Considerando a retórica da denegação, e a dimensão da negatividade constante do discurso religioso, pode-se também chegar a uma forma geral e abstrata de argumentação que corresponde a : aquele que diz X significar Y é porque aquele X para significar Y (sendo X do plano temporal e Y do plano espiritual) é uma condição, ou seja, a fé para se salvar.

Essas fórmulas, para a Análise de Discurso, funcionam como um instrumento de trabalho, aquilo que durante o trabalho pode ser descoberto e proporcionam também o conhecimento sobre o funcionamento do discurso, que é o alvo da análise da pesquisa.

Observa-se também que as marcas variam conforme o tipo de discurso religioso, ou seja, religiões diferentes possuem práticas, rituais, cerimônias diferentes em que as marcas têm uma variação muito ampla.

Sob a mesma perspectiva, a não-reversibilidade dos planos e o seu resultado, a ilusão da reversibilidade, em relação à propriedade encontra-se mais estável, o que não significa que não haja nenhuma variação.

O parâmetro para tais reflexões foi o da ideologia cristã, no caso, a católica.

As propriedades, as marcas e as formas são subsídios para o estudo de outros tipos de discurso e também para a análise de fatos dos discursos em suas diferentes práticas.

3 METODOLOGIA

A metodologia que proporciona o embasamento teórico desta pesquisa é o da Análise de Discurso francesa, que procura problematizar as questões que colocam a posição e os efeitos de sentido produzidos no discurso, sob diferentes manifestações, e que se refletem na linguagem através dos equívocos e falta de transparência. Permite, também, saber que não há neutralidade no uso da linguagem simbólica e que sua entrada é permanente e irremediável, pois se encontra comprometida com os sentidos e com o político. Porém, a maior contribuição da Análise de Discurso é o de proporcionar uma reflexão sobre a materialidade específica da ideologia no discurso. Ela trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Tal complementação se encontra no fato de que, como diz M.Pêcheux, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o sujeito é interpelado pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. (apud Orlandi, 2000, p. 17)

O resultado de tal consideração mostra que o discurso é o lugar de onde se observa língua e ideologia, no qual a língua produz e tem sentido por e para os sujeitos.

3.1 PROCEDIMENTOS E DISPOSITIVOS PARA A ANÁLISE

Os procedimentos da Análise de Discurso, apresentados aqui conforme aparecem em Análise do discurso: princípios e procedimentos (Orlandi, 2000, p.77-81), têm a noção de

funcionamento como central, levando o analista a compreendê-lo pela observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e de sujeitos, lançando mão da paráfrase e da metáfora como elementos que permitem um certo grau de operacionalizações dos conceitos.

A análise se faz por etapas que correspondem a considerar as propriedades do discurso referidas a seu funcionamento, e cotejam-se as etapas com os procedimentos que dão forma ao dispositivo.

Estas etapas de análise têm, como seu correlato, o percurso que faz a passagem do texto ao discurso, no contato com o corpus, o material empírico.

Elas estão assim dispostas em sua correlação:

1ª Etapa: Passagem da - Superfície Lingüística – para o – Texto (Discurso)

2ª Etapa: Passagem do - Objeto Discursivo – para a – Formação Discursiva

3ª Etapa: Processo Discursivo – para a – Formação Ideológica

Na primeira etapa, o analista, no contato com o texto (discurso), procura ver nele sua discursividade e investe num primeiro lance de análise – de natureza lingüístico-enunciativa – constrói um objeto discursivo em que já é considerado o esquecimento número 2 (da instância da enunciação), desfazendo assim a ilusão de que aquilo que foi dito só poderia sê-lo daquela maneira. Desnaturaliza-se, então, a relação palavra-coisa.

Nesse momento da análise é fundamental o trabalho com as paráfrases, sinonímia, relação do dizer e não-dizer etc. Esta etapa prepara o analista para que ele comece a vislumbrar a configuração das formações discursivas que estão dominando a prática em questão. O que ele faz é tornar visível o fato de que, ao longo do seu dizer, se formam famílias parafrásticas relacionando o que foi dito ao que ficou na sombra. Estes outros dizeres, aí observados, proporcionam as delimitações das formações discursivas que intervêm fazendo as palavras significarem de maneira x ou y.

Na segunda etapa, a partir do objeto discursivo, o analista vai realizar uma análise que procura relacionar formações discursivas distintas – que podem ter se delineado no jogo dos sentidos, observado pela análise do processo de significação (paráfrase, sinonímia etc.) – com a formação ideológica que rege essas relações. Aí é que ele atinge a constituição dos processos discursivos responsáveis pelos efeitos de sentido produzido, naquele material simbólico da formulação, e de onde o analista partiu. Ao longo de todo o procedimento analítico, ao lado do mecanismo parafrástico, cabe ao analista observar o que se chama de efeitos metafóricos.

A definição do efeito metafórico permite, pondo em relação discurso e língua, objetivar, na análise, o modo de articulação entre estrutura e acontecimento. O efeito metafórico, diz Pêcheux (1997, p. 86), é um fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, lembrando que este deslizamento de sentido entre x e y é constituído tanto no sentido designado por x como por y.

Como esse efeito é característico das línguas (naturais), por oposição aos códigos e às línguas artificiais, pode-se dizer que não há língua que não ofereça lugar à interpretação. Em outras palavras, a interpretação é constitutiva da própria língua. E onde está a interpretação está a relação da língua com a história para significar.

A metáfora é constitutiva do processo de produção de sentido e da constituição do sujeito, mas não como desvio, e sim como transferência.

Através dos deslizamentos de sentidos – efeitos metafóricos – é que se dá a diferença, e que são totalmente distintos. Mas essa diferença se sustentada no mesmo ponto do deslize, o que leva a dizer que há um mesmo nessa diferença.

O processo de produção de sentidos está necessariamente sujeito ao deslize, havendo sempre um outro possível que o constitui. Tanto o diferente como o mesmo é produção da história e são afetados pelo efeito metafórico.

A historicidade representada pelos deslizes produzidos nas relações de paráfrase que instalam o dizer na articulação de diferentes formações discursivas, submetendo-os à metáfora (transferências), aos deslocamentos: possíveis outros. Fala-se a mesma língua mas fala-se diferente. Diz-se as mesmas palavras mas elas podem significar diferentemente. As palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso que, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas.

Como se disse, o interdiscurso significa justamente a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos, ou seja, ele é um conjunto não discernível, não representável de discursos que sustentam a possibilidade mesma do dizer, sua memória. Assim a alteridade por excelência (o Outro), representa a historicidade.

Desse modo a historicidade deve ser compreendida em análise de discurso como aquilo que faz com que os sentidos sejam os mesmos e também que eles se transformem.

O efeito metafórico, o deslize – próprio da ordem do simbólico – é lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade. Essa relação entre língua e discurso: a língua é pensada “como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo e a discursividade como inscrição de efeitos lingüísticos materiais na história”, como diz Pêcheux (apud Orlandi, 2000, p. 63). Efeitos materiais na história, deslizes, paráfrase, metáfora. Eis um conjunto de noções que sustentam a possibilidade de análise. Num retorno contínuo do objeto de análise para a teoria, num movimento constante de descrição e interpretação, o analista tece as intrincadas relações do discurso, da língua, do sujeito, dos sentidos, articulando ideologia e inconsciente.

Este modo de conceber o deslize, o efeito metafórico, como parte do funcionamento discursivo, liga-se à maneira de conceber a ideologia. Pensando-se a interpretação, esse efeito aponta para um “discurso duplo e uno”. Essa duplicidade faz referir um discurso a um discurso outro para que ele faça sentido; na Psicanálise, isso envolve o inconsciente, na Análise de Discurso, envolve também a ideologia. Essa duplicidade, esse equívoco, é trabalhada

como a questão ideológica fundamental, pensando a relação material do discurso à língua e a da ideologia ao inconsciente.

É nesse lugar, em que língua e história se ligam pelo equívoco, lugar dos deslizes de sentidos como efeito metafórico que se define o trabalho ideológico, o trabalho da interpeção. Como esse efeito que constitui os sentidos, constitui também os sujeitos, pode-se dizer, portanto, que a metáfora está na base de constituição dos sentidos e dos sujeitos.

Estas características dos mecanismos discursivos, esses efeitos e articulações estão presentes na medida em que se constrói a análise, de modo que o deslocamento produz pelo dispositivo em seu olhar leitor trabalhe a interpretação enquanto exposição do sujeito à historicidade (ao equívoco, à ideologia) na sua relação com o simbólico.

4 ANÁLISE DAS VERSÕES

Do ponto de vista da Análise de Discurso, pode-se dizer que Deus é um lugar de onipotência do silêncio. E o homem precisa desse lugar para colocar (instituir) uma (sua) fala específica.

Discursivamente, então, a religião pode ser vista como o lugar em que, na onipotência do divino o homem encontra um espaço para preencher com palavras que delineiam o que pode chamar de vida espiritual. O que dessa vida espiritual, pode ser dito (posto) na voz de Deus?

No presente estudo busca-se analisar, através da reflexão sobre a linguagem, os recursos utilizados pelo Papa Urbano II, no Concílio de Clermont, na França, em novembro de 1095, à conclamação dos barões da cristandade a partirem rumo a Jerusalém com a utilização de violência, bem como, analisar as vozes que se movimentam no interior desse discurso religioso cristão, nas quatro versões de personagens que dizem ter testemunhado o comunicado, Fulcher de Chartres, Roberto o Monge, Balderic de Dol e Guibert de Nogent.

A estrutura geral do discurso, nas versões supracitadas, pode ser dividida em três etapas: na primeira, o Papa demonstra o poder da Igreja sobre o povo cristão, em uma segunda etapa, o Papa expõe a situação do povo cristão no Oriente e numa terceira, estabelece a promessa da remissão dos pecados e a vida eterna, em nome de Deus.

É preciso ressaltar aqui, que para a realização desse estudo se pretende trabalhar com a noção de recorte, não como informação, mas como unidade discursiva, conceito que acolhe o processo de interação e relação com o mundo pela e (na) linguagem – “nos instalamos no domínio da significação como multiplicidade (polissemia, efeito de sentidos) e não como linearidade informativa” (Orlandi, 1996, p.138).

Quanto à análise das vozes no discurso, pretende-se trabalhar na perspectiva de um indivíduo que se divide em vários sujeitos, e é este sujeito que fala – fala de um lugar instituído, ou seja, determinado. Este sujeito só pode falar, porque ao assumir posições diferenciadas, desloca-se e descentra-se. Esta possibilidade constante própria do discurso, é denominada por Foucault como dispersão.

4.1 ANÁLISE DA VERSÃO DE FULCHER DE CHARTRES

(adaptado por Thactcher, 1905)

Toda ação da Igreja se inscreve no discurso político e religioso. Política, religião e violência no decorrer da história parecem estar sempre interligadas. Isso mostra a heterogeneidade do discurso religioso, e em consequência, colabora para as diferentes maneiras de se ler, como se observa nos recortes dessa versão.

Recorte 1

“[...] Eu, Urbano com a permissão de Deus, [...] na qualidade de embaixador (cargo político?). Porém, se existe alguma deformidade ou fraqueza contrária à lei divina (é uma ameaça?), invocando Sua ajuda (Deus precisa da ajuda humana?), [...] erradicá-la. Porque o Senhor vos colocou como servidores (empregados?) diante de suas famílias. Venturosos (seria um cargo ou privilégio?) realmente sereis se ele vos encontrar fiel (é uma troca?) em vosso ministério (da Justiça?)”.

O Papa apresenta-se como embaixador no ministério de Deus e logo diz que existe uma ameaça à lei divina, demonstrando a assimetria entre os planos espiritual e temporal, propriedade do discurso religioso.

Recorte 2

“Vós sois chamados de pastores (soldados), façais com que não atueis como mercenários (traidores). Mas sejais bons pastores (soldados), e leveis sempre vossos báculos (armas) nas mãos”.

Ou seja, para ser bons soldados o Papa diz que os cristãos devem, sempre, levar suas armas nas mãos. Logo, o Papa constrói através da metáfora o seu discurso de incentivo à violência.

Recorte 3

“[...] já que vós haveis sido chamados no Evangelho de sal da terra (Mateus 5: 13), porém, se faltares com vossos deveres, perguntarão todos, como se poderá salgar a terra? Oh, que tão grande é a necessidade de sal!!! (Estaria o Papa ameaçando os cristãos, ou melhor, soldados?).

Recorte 4

“Porém, aquele que administrar o sal (estaria o Papa oferecendo o cargo de administrador?) deve ser prudente (cuidadoso), providente (prevenido), modesto (moderado), instruído (construído), pacífico (calmo), observador (perspicaz), piedoso (bondoso), justo (imparcial), equitativo (igualitário) e puro (ingênuo)”. Quem teria todas essas qualificações?

O Papa no recorte 3 com uma passagem bíblica ameaça o povo, porém, no recorte 4 também a utiliza estrategicamente para oferecer um cargo de administrador do sal para um dos barões da cristandade, presente ao discurso, como incentivo a (re)tomada de Jerusalém, mas esse administrador deve ter qualidades de um ser praticamente perfeito. Teria algum deles essas qualidades, ou estaria o Papa jogando (enganando) com palavras?

O sal, naquela época, era uma das maiores riquezas do Oriente, comparável ao petróleo atualmente, e se encontrava na região chamada de Braço de São Jorge – Helesponto,

atual estreito de Dardanelos, observa-se que o Papa faz uma proposta bastante tentadora na tentativa de conseguir adeptos à sua causa.

Recorte 5

“[...] tão fraca a vossa administração de justiça (é preciso fazer mudanças na área administrativa?), que dificilmente pode alguém viajar de dia [...]. Vos exorto e vos demando que cada qual se esforce para que se cumpra a trégua em vossa respectiva diocese. E se alguém for [...] pela autoridade de Deus e com o beneplácito desta Assembléia (Legislativa?) deve ser declarado anátema (é uma ameaça?)

Ou seja, é preciso mudar a administração e como representante legal de Deus o Papa utiliza sua autoridade para instaurar a ordem nas terras controladas pela igreja, e aquele que não obedecer será expulso (excomungado).

Recorte 6

“[...] Posto que, vossos irmãos que vivem no Oriente requerem urgentemente vossa ajuda (ou luta?), e vós deveis esmerar-vos para lhes oferecer a ajuda que vem sida prometida (por quem?) para tanto. Já que, como haveis ouvido os turcos e os árabes (Jerusalém) os têm atacado e conquistado vasto território de terra da România (Império Bizantino), tanto a oeste como na costa do Mediterrâneo e no Helesponto, o qual é chamado Braço de São Jorge (a preocupação é em ajudar aos cristãos ou com as terras?)” [...]. Estão ocupando (ocupação = invasão) cada vez mais e mais territórios cristãos (cristão = religião), e os venceram em sete batalhas. (Cristão = religião/ árabes e turcos = Jerusalém/ ocupação= invasão /Retomada de Jerusalém?)

Já se constrói a idéia de que o povo não-cristão é fora-da-lei. É um discurso econômico, em termos de exclusão: exclui o povo do Oriente, negando-lhe a tradição (religião). Daí a necessidade de passar a dominá-los. Portanto, o discurso vai dividindo-se entre o povo-cristão e o povo não-cristão, considerados fora-da-lei, maus e desprovidos de religiosidade. Essa forma de dizer, vai produzindo malícia no povo cristão, e aos poucos vai incitando-os à violência. (Religião = Violência).

Recorte 7

“[...] Todos aqueles que morrerem pelo caminho, seja por mar ou terra, ou em batalha contra os pagãos serão absolvidos de todos seus pecados. Isso lhes é garantido por meio do poder com que Deus me investiu [...]”.

O Papa garante a absolvição dos pecados daqueles que morrerem durante o caminho, seja ele qual for, mas e quem não morrer durante o caminho ou até mesmo não morrer?

Recorte 8

“(...) marchem agora para o combate (é uma ordem?) contra os infléis e concluem com vitória (e se não vencerem?) uma guerra que já deveria ter iniciado (é um incentivo?) (...)”

O Papa em tom autoritário, próprio do discurso religioso, manda o povo seguir para a batalha e saírem somente como vencedores, batalha que segundo ele já deveria ter começado, incentivando o povo ao combate, logo à violência.

Recorte 9

“[...] Que aqueles que por muito tempo tenham sido foragidos (fugitivos), agora sejam cavaleiros (conveniência?). Que aqueles que lutavam com seus irmãos e parentes agora lutem de maneira apropriada (matando?) contra os bárbaros. Que aqueles que tenham servido como mercenários e ganhavam uma quantia, ganhem agora a recompensa eterna (a morte?). Que aqueles que hoje em dia inutilizam tanto o corpo como a alma, (são inúteis) agora se disponham a lutar por uma dupla honra (quem tem título é honrado, quem vai a luta é honrado, porque não ir a luta e obter uma titulação dupla?). [...] Aqueles que decidirem (é uma imposição?) ir, não adiem sua viagem, senão que arrendem suas terras e reúnam dinheiro para seus gastos e [...] se ponham em marcha com Deus como seu guia”.

A Igreja, aqui, se isenta dos gastos e aqueles que forem deverão dispor de seus bens, de alguma forma, e empreender a jornada, e com a garantia de ter Deus como dirigente. Também oferece o título de cavaleiro, título que era dado somente aos nobres e pessoas honradas, agora passava a ser oferecido aos foras –da- lei, ou seja, aqueles que por algum motivo estavam fugindo, ladrões, assassinos, logo incentiva ao combate e à violência.

Observa-se que esta versão pode ser dividida em três etapas:

1) Num primeiro momento o Papa apóia-se no poder de Deus, demonstrando a assimetria entre os planos espiritual e temporal. Instituído da autoridade que lhe foi conferida pela Igreja e como mediador de Deus, no plano terreno, o Papa traça um caminho que domina

e ameaça o alocutário. Através de retórica de intimidação verbal, com a qual procura convencer os barões da cristandade a marchar para guerra.

2) Num segundo momento, passa e relata os motivos que justificam o combate com tramas capciosas, que vão definindo o perfil do inimigo, situações de linguagem onde se forma o conflito. O uso da palavra soa como arma, pois são inúmeras as denúncias, não se trata de saber a verdade. Trata-se de fazer acreditar, com a finalidade de obter apoio e convencer os ouvintes (os cristãos) de que é preciso (re)tomar Jerusalém, inclusive com a utilização de violência.

3) Num terceiro momento, o Papa, em nome de Deus, promete aos que forem ao combate à redenção dos pecados e a vida eterna, e como representante legal da Igreja Católica Apostólica Romana e ainda porta voz de Deus na terra, a sua palavra é verdadeira.

O movimento argumentativo constituído na e pela linguagem, conseguiu desconstruir qualquer heterogeneidade interna constitutiva na formação discursiva desse discurso ideologicamente cristão, em que o Papa é a voz predominante no discurso, que é a favor da guerra no Oriente e o deixa explícito como tal (de dentro da perspectiva discursiva da Europa). Através de Deus, para se constituir, silencia o discurso dos árabes e turcos. Observa-se nessa análise que esse apagamento se estabelece sobre uma ilusão: a ilusão de encobrir as vozes do povo cristão, representando-se como uma voz de verdade inquestionável, na perspectiva da voz de Cristo (Deus).

Portanto, pode-se dizer que as várias formações discursivas que atravessam o texto podem ser apagadas, na organização do mesmo, em função de uma formação dominante (a que o Papa representa).

4.2 ANÁLISE DA VERSÃO DE ROBERTO O MONGE

Ele escreveu 25 anos depois do discurso, mas ele pode ter estado presente ao Concílio. Ele usou a versão Gesta.

Recorte 1

Oh, raça de Francos, raça que veio através das montanhas, raça escolhida (Deus tem preferência?) e amada (os demais cristãos não merecem ser amados?) por Deus como guia em muitos de seus vários trabalhos reservados de todas as nações pela situação de seu país (privilegiada?), tanto quanto por sua fé católica e a honra de sua Santa Igreja! Para vós nosso discurso é endereçado e para vós nossa exortação é intencional .(Seriam os franceses os mais cristãos de todos os cristãos europeus?)

O Papa nesse recorte exclui os povos das demais nações, pois diz num primeiro momento ao povo francês que eles são os mais amados e por isso foram escolhidos e também pela situação deles, ou seja, a França naquele momento era a nação que se encontrava em melhor condição financeira para a (re)tomada de Jerusalém, e somente num segundo momento ele enaltece a fé católica do povo, o que parece demonstrar que o interesse financeiro vem antes a fé vem depois.

O Papa na representação da Igreja fala na voz de Deus, estabelecendo, assim, a diferença entre os planos espiritual e temporal, propriedade do discurso religioso.

Uma vez que esse discurso se volta para o médio-Oriente, a presença da retórica européia ganha contornos nessa transferência para o solo oriental. Daí transforma-se, (heterogeneidade discursiva) em religião e violência.

Recorte 2

“Dos confins de Jerusalém e da cidade de Constantinopla uma horrível narrativa tem seguido adiante e freqüentemente tem chegado a nossos ouvidos (é um fato ou um boato?), a saber, aquela raça do reino dos Persas, uma raça excomungada, uma raça completamente alienada de Deus (o Papa desconsidera Alá ou Jeová), uma última geração (o Papa já considera os opositores mortos?) que não tem direcionado seus corações e seus espíritos para Deus (não são cristãos), tem invadido as terras dos Cristãos e as tem desocupado com a espada, saques e fogo.[...]”

Recorte 3

“(...) Quando eles desejam a tortura de pessoas por morte vil, eles perfuram os umbigos delas e puxam para fora seus intestinos e os amarram em estacas, em seguida, com fustigação, eles conduzem a pessoa ao redor da estaca até as vísceras saírem totalmente e a vítima cair prostrada ao chão”.[...] A circuncisão é uma prática da religião judaica, estaria o Papa incitando o povo cristão contra o povo judeu, povo, que também vivia espalhado pela Europa?.

A não-visibilidade circula e representa no imaginário do povo cristão produzindo sentidos, os quais definem negativamente a relação entre o povo cristão e não-cristão como se observa nos recortes 2 e 3. A maledicência é uma estratégia argumentativa que busca organizar o exército à luta pretendida, com uma crueldade estrita e visível. Portanto, é na palavra que se sustenta as inúmeras denúncias proferidas pelo Papa Urbano II contra o inimigo, o que incita o povo cristão a utilizar a violência.

Como toda ação da Igreja tem consequência política (heterogeneidade do discurso) cabe ao povo lutar por Jerusalém.

Recorte 4

“[...] Sobre quem, portanto, recai o trabalho de vingar esses erros, (Deus aprovaria o uso de armas?) a incumbência de recuperar (ocupar) este território? Vós, (o povo teve chance para responder?) a quem, acima de outras nações, Deus conferiu reconhecida glória em armas (ou seja, peguem suas armas), grande coragem (e quem não for corajoso?), atividade corporal (rápidos) e força (fortes) para escarpelar (retirem a pele) esses que resistem a Vós. (daqueles que forem contrários a vocês) [...]”

Observa-se nesse recorte que o Papa passa toda responsabilidade da (re)tomada de Jerusalém para o povo cristão, reconhecendo e glorificando a utilização de armas, e em nome de Deus pede ao povo que combata o inimigo através da força física, com rapidez, força para poder tirar a pele daqueles que a eles resistirem, contrariando todos os dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana.

Recorte 5

“[...] Ela adoece, então, e deseja ser libertada e não cessa de implorar a vós que venham ajudá-la. (quem está doente Jerusalém ou a Igreja, ou o Papa?) Para vós especialmente ela pede socorro, (quem pede ajuda, Jerusalém ou a Igreja, ou o Papa?)

porque, como já temos dito, (Nós?) Deus conferiu a vós, acima de todas as nações, grande glória em armas (é uma ordem ou um incentivo?). Por isso, empreendi esta jornada para a remissão de vossos pecados (se não pegarem suas armas serão pecadores?), com a segurança da imperecível Glória do reino do Céu (quem não for além de pecador e não estará seguro, então, é uma ameaça?).

Observa-se nesse recorte que o Papa, em nome de Deus, diz ao povo novamente, como um reforço, as suas palavras, que pegue suas armas, pois estas foram oferecidas por Ele e glorificadas acima de todas as nações, ainda promete redimir dos pecados somente os que forem à luta com a segurança de Deus, mas e os que não puderem ir? O Papa ameaça os que se acovardarem diante da situação, e com suas palavras consegue levar o povo ao caminho da violência.

Recorte 6

[...] "Onde dois ou três estão reunidos em Meu nome lá estou Eu no meio deles". A menos que o Senhor Deus tenha estado presente em vossos espíritos, todos vós não teríeis articulado o mesmo grito. Embora o grito emitido fosse de bocas numerosas, ainda a origem do grito foi uma. Então, eu digo a vós que Deus (ou o Papa?), quem implantou isto em vossos peitos, desenhou isto diante de vocês. Permiti que este, então, seja vosso grito de guerra em combate, porque esta palavra é dada a vós por Deus (pelo Papa). Quando um ataque armado for feito ao inimigo, deixai que este grito seja levantado por todos os soldados de Deus (do Papa): É a vontade de Deus! É a vontade de Deus! É a vontade de Deus! (Deus tem desejo? Deus têm inimigos? Deus deseja guerra? Deus deseja a morte de pessoas? Seria esta a vontade de Deus ou da Igreja?) [...]"

Em nome de Deus o Papa implanta o grito de guerra: É a vontade de Deus, grito que o povo repetiu fervorosamente, incitando assim à violência.

Recorte 7

"[...] E nós não exigimos ou recomendamos que o velho ou o frágil, ou aqueles incapazes para pegar em armas, empreendam esta jornada; (teria o Papa se arrependido de exigir então recomendou aos inúteis que não fosse?) nem as mulheres partirão sem seus maridos ou irmãos ou guardiões legais, pois tal coisa será mais um obstáculo do que uma ajuda, mais uma carga (descarga?) do que uma vantagem (não seria melhor jogar fora o que não presta?). Deixai os ricos ajudar os necessitados, (a Igreja se isenta da ajuda?) e de acordo com suas riquezas, deixai adquirir com eles as experiências de soldados. (somente 'os mais ricos' podem fazer dos pobres, soldados. Estaria o Papa adotando o sistema de exclusão?) Os padres e o clero não têm nenhuma ordem e não podem ir sem o consentimento de seus Bispos para esta jornada em nada eles em nada favoreceriam se fossem sem a permissão desses.[...]" (por não usarem armas, então inúteis? Estaria o Papa poupando a vida desses (in)úteis? Ou a estes caberia propagar o Cristianismo, mesmo em território europeu, assim seriam mais úteis?).

Observa-se nesse recorte que o Papa tenta amenizar suas palavras ao utilizar recomendar e não exige, mas exclui literalmente os velhos, os frágeis e as mulheres da jornada por não utilizarem armas, o que demonstra (constata) a intenção de utilizar a violência na (re)tomada de Jerusalém.

Verifica-se na análise desses recortes que o Papa sustenta o argumento a favor da violência, da exclusão e sutilmente na expansão do território, na perspectiva de uma voz inquestionável, a de Deus. É esta voz que garante ao locutor o argumento a favor da legitimidade da violência explícita, pois é Deus quem confere e reconhece glória em armas, o que apaga qualquer possibilidade de resistência do povo cristão, o que é pior, legitimado pela Igreja Católica Apostólica Romana, pois assim é o querer de Deus.

É nesse quadro, no interior do discurso autoritário, em que prevalece a voz do locutor (o Papa), que as vozes se apagam e se reduz de maneira progressiva para uma única perspectiva, a que silencia a polifonia do discurso. Ou melhor, é na perspectiva discursiva que se estabelece o silêncio e não há possibilidade de se configurar um lugar para as outras vozes se manifestarem nesse discurso religioso cristão.

4.3 ANÁLISE DA VERSÃO DE BALDERIC DE DOL

Foi arcebispo de Dol. Ele escreveu no século doze e sua fonte foi a Gesta.

O amor de Deus, pelo qual o poder assegura a submissão do homem medieval, agora é substituído na sociedade pelo amor aos irmãos do Oriente e dever de cidadão. Tanto o poder religioso como o poder político exercem amor pela crença.

Assim se estabelece a violência, como um meio de se obter submissão, e a linguagem como representação simbólica é um dos meios mais eficazes, como se observa nos recortes do discurso do Papa Urbano II, na representação de Balderic de Dol.

Recorte 1

“Nós temos barba [...]” (barba = honra) Ou seja, Nós temos honra.

Dito dessa forma fica caracterizado que o Papa se dirige ao público masculino.

Recorte 2

“Nossos irmãos de sangue companheiros (de partido político?), seus associados (filiados?) [...] são submetidos em suas próprias pátrias, por outros mestres, ou são dirigidos (governados?) por eles [...]”

Nesse recorte verifica-se que política e religião não se separam, pois o Papa ao se dirigir ao povo parece estar num discurso político ao chamar o povo de companheiros e logo em seguida atribui a irmandade um título de associados, que mais parece com filiados. Palavras não comuns ao discurso religioso.

Recorte 3

“[...] As propriedades doadas aos santos para suporte (o Papa não quer perder as doações?) e patrimônio dos nobres (se já foram doadas, agora pertencem aos santos, ou seja, a Igreja), utilizadas para sustento do povo (por que o Papa estaria tão preocupado em dar explicações?), são agora, submetidas à tirania pagã (a Igreja perdeu as terras) [...]”

O Papa se manifesta como representante da Igreja, e com narrativa maldosa procura delinear o perfil do opositor. Tal estratégia interfere no imaginário do espectador tornando-os um alvo fácil e de ódio crescente pelo inimigo, o que incita a utilização de violência, tudo em nome de Deus.

Recorte 4

“[...] O mundo das orações de Deus tem sofrido uma derrota [...] (o plano espiritual pode ser derrotado?)”. Então o plano espiritual é igual ao plano temporal.

A questão aqui apresenta uma ambigüidade, um mal-entendido, um lapso, um jogo de palavras, pensando na relação do sujeito e do social como repousando sobre distinção clara e irrecusável entre, de um lado, a transparência, de outro, a dissimulação de sentido (e

do sujeito). O sujeito aparece, então, como mestre de seu discurso, consciente, no entanto, imperfeito, em suma, “humano”, dizendo a verdade ou ao contrário mentindo.

Recorte 5

“[...] E ainda naquele lugar (e digo o que você já sabe) (teria alguma coisa que o povo ainda não soubesse?) que repousou (sofreu) o Senhor, lá Ele morreu (mataram) por nós, lá Ele foi sepultado (crucificado e enterrado) [...]”

Nessa passagem o Papa parece anunciar ao povo cristão a situação pela qual eles teriam de passar na (re)tomada Jerusalém, em nome de Deus, ou seja, lá eles iriam sofrer, morrer e seriam ainda enterrados. Aqui o Papa diz a verdade, mas uma verdade que está implícita no discurso, demonstrando a obscuridade do discurso religioso cristão. Que interesse teria o Papa de mostrar a verdade ao povo?

Recorte 6

“[...] ainda que Deus tenha falhado com o milagre do ano!”

Como um Ser poderoso que pode redimir o homem de todos os seus pecados e ainda proporcionar à vida eterna poderia falhar? Estaria o Papa equivocado?

Recorte 7

“As crianças de Israel foram guiadas para fora do Egito, [...], e com suas armas, com Jesus como líder, expulsaram os Jebuseus e outros habitantes, e eles mesmos habitaram Jerusalém [...]”.

Assim, o Papa monta uma situação de conflito que parece prefigurar a liderança de Jesus na expulsão dos povos Jebuseus de Jerusalém, inclusive com a utilização de armas. Então se Jesus assim o fez, por que o povo, em seu nome, assim não o faria?

As palavras, portanto, eram um alvo que exigia muito cuidado de retórica, pois providenciava a relação de sentido com Deus, visível por Deus, formando uma espécie de jogo, com dissimulada transparência. Nesse jogo, porém, entre parceiros, o parceiro sempre foi o povo cristão.

Recorte 8

“[...] Com Jesus Cristo nosso líder, vocês poderão lutar por sua Jerusalém, em uma batalha cristã, a mais invencível linha, até com mais sucesso do que os filhos de Jacob,(Judeus) o velho guerreiro, – poderão assaltar e expulsar (expulsar o Papa copiou das crianças, mas assaltar fica por conta de quem?) os Turcos mais execráveis que os Jebuseus, que estão naquela terra, e vocês imaginem isto como uma bela coisa para se morrer por Cristo, na cidade em que Ele morreu por nós.”

Observa-se que o tom das palavras é de autoridade, e como política e religião parecem entrelaçar-se, na voz de um líder subjetivo, Cristo, o locutor diz ao alocutário que poderá lutar por “sua” Jerusalém. Por que não “nossa”, estaria o Papa se eximindo da responsabilidade? Porém, manda assaltar (acrescentando a passagem do Evangelho referida) e expulsar os turcos (teria ele esquecido dos árabes e dos judeus?), incitando o povo à violência. Procura ainda deixar claro ao povo, que eles morrerão, mas que isto será por uma boa causa e na cidade em que o líder morreu, só que desta vez por “nós”. Ou seja, lutem e morram vocês pela cidade, em que Cristo morreu por nós. Quem luta e morre é o povo, mas cabe lembrar ao povo que Cristo morreu por todos (estaria o Papa com medo de ser esquecido?).

Recorte 9

“[...] Curto é o caminho, pequeno o trabalho, que reverterá a vocês com glória que não remanescerá jamais. (Viajar e lutar será o de menos diante da honra, pois esta não morrerá nunca.) Nós (O Papa e a Igreja?) falamos com a autoridade do profeta: prepare tua espada, a teu lado. (Estaria o profeta incitando à utilização de armas?) O Poderoso estará lá”. (Que garantia o Papa pode oferecer se aparentemente o Poderoso já teria falhado com o milagre anual?)

Em nome de Cristo manda o povo pegar suas armas, apelando para honra que será revertida em glória eterna, incitando-os a (re)tomada de Jerusalém com a utilização de violência.

Recorte 10

“Eu digo, sejam valentes filhos; Pode ser melhor morrer em batalha do que contemplar o arrependimento de sua raça e de seu santo lugar.”

O povo deveria receber esse recado como uma ameaça ou um consolo?

Recorte 11

“E voltando-se aos bispos disse: é nosso dever orar e o de vocês lutar contra os Amalecitas.” (Ou seja, enquanto o povo morre lá, nós rezamos aqui).

Esse dizer separa o que conduz, a partir da palavra, e de quem é conduzido.

O Papa é um homem crente, e na representação de Deus no plano terreno, dirige-se a um ouvinte definido, e como se observa não há reversibilidade nesse discurso, ou seja, ninguém toma a palavra, pois respectivamente a fé, a crença na vida eterna, a crença na graça de Deus não leva à discussão, mas leva à submissão. O silêncio é um tipo de violência muito mais insidioso e eficaz que se legitima em função do amor a Deus. Com esse silêncio a Igreja procura manter a distância, ignorar, e até mesmo sufocar, a questão crucial do sujeito, isto é, o sujeito que deseja, que pensa e que poderia resistir ou até mesmo desertar.

O discurso sobre o povo não-cristão funciona de modo que ele existe enfaticamente no discurso do Papa Urbano II, e deixa de existir enquanto constituição do mundo. Pode-se dizer que esse apagamento é do domínio da ideologia. Uma vez estabelecido esse silêncio, volta sobre o mundo com toda sua violência. Ideologia que, em nome de Deus, pode assaltar, expulsar e até matar os não-cristãos.

4.4 ANÁLISE DA VERSÃO DE GUIBERT DE NOGENT

Guibert, abade de Nogent (único arcebispo judeu da época), compareceu ao Concílio de Clermont. Sua história que dicitur *Gesta dei per Francos* se baseia em seus próprios conhecimentos e outras fontes como a *Gesta*.

Esse discurso mantém uma forte e constante coerência entre o estilo empregado e a finalidade a que se propõe. Pode-se dizer que essa coerência se realiza na forma de um discurso convocatório, em que o Papa pede (exige) na representação de Deus, legitimado pela Igreja Católica Apostólica Romana, que o povo cristão (re)tome Jerusalém, ocupada por árabes e turcos, inclusive com a utilização de violência.

Como ato de linguagem, o discurso convocatório não é produzido apenas para transmitir informações, mas se constrói já estruturando uma ação que envolve os seus adeptos. A co-responsabilidade é atribuída a todos, pretendendo alcançar o maior número de fiéis.

O pedido e a valorização são princípios no conjunto de motivações e de justificativas, que compõe a narrativa da Igreja (do Papa), rememorada na descrição da conjuntura social, econômica e política, sustentada na essência do povo, isto é, com o dever de cristão e, principalmente, de fé. O fiel, portanto, encontra-se no conflito dessas relações, e por isso é estimulado a colaborar com a “Grande Tarefa”, na paz de Deus, na graça de Jesus Cristo buscando no divino consolo e perdão para todos os seus pecados.

Portanto, o Papa abre o discurso com base na fraqueza humana, ou seja, cobrando o dever de cidadão (cristão) e apelando para a fé do povo cristão.

Recorte 1

“Se há Igrejas dispersas (religiões?) ao redor do mundo inteiro, é porque umas merecem mais respeito do que as outras [...], e nossa obrigação (estaria o Papa cobrando?) de fazer alguma coisa (o que o Papa pretende cobrar?) é para aquela Igreja, da qual recebemos a graça (que não é de graça) da redenção, e a origem de todo Cristianismo.”

O Papa deixa bem claro que há várias religiões diferentes no mundo, mas é para com a religião cristã que o povo tem de cumprir com seus deveres, pois foi dela que receberam todos os seus direitos como cidadãos cristãos.

Recorte 2

“Se o que o Senhor disse em seu nome, ‘a salvação vem dos Judeus’ [...], e nossa semente é Cristo, em quem está nossa salvação e a benção de todas as nações [...]. Se depois da morte do Nosso Senhor, os judeus estavam de posse dela, esta terra foi chamada de santa nas escrituras dos profetas (estaria o Papa interessado em terra?) que diziam[...].”

O Papa através de passagens bíblicas ,passa credibilidade ao discurso, e estrategicamente já pretende preparar adeptos a causa pretendida.

Recorte 3

[...] “Se quereis ardentemente conhecer (ocupar) os lugares daquela terra, de onde encontram suas ruelas, é a vocês a quem corresponde (tomar) fazer grandes esforços (com força) com a ajuda de Deus, que marchará (caminhará) junto de vocês, e combaterá (matará) com vocês, a fim de tirar aquela cidade (o povo não-cristão) santa e o glorioso sepulcro, das humilhações (outras religiões) que ali se acumulam dos gentios, com sua presença, tanto mais pelo seu poder (estaria o Papa interessado no poder?).” [...]

Ou seja, se quereis ardentemente ocupar Jerusalém é a vocês a quem cabe lutar, com a ajuda de Deus que caminhará, matará, a fim de expulsar daquela cidade todos os que não forem cristãos que lá se encontram com seus governantes.

Observa-se nesse recorte e também através da paráfrase que o Papa passa toda a responsabilidade da (re)tomada de Jerusalém para o povo, tudo em nome de Deus. Como religião e política parecem sempre se encontrar nos entremeios do caminho fica claro o interesse do soberano em não expandir a religião dos não cristãos tanto quanto teme o poder dos mesmos, logo utiliza o poder da palavra incitando o povo a pegar suas armas induzindo-os à violência.

Recorte 4

[...] “Se nos velhos tempos os Macabeus atingiram o mais alto grau de piedade, (maldade) é porque eles combatiam (destruíam) as cerimônias e o Templo, assim como se permite a você, soldado cristão, para defender (retomar) nossa liberdade (território) e do seu país, (da Igreja) armados.(a liberdade é nossa, mas a luta é sua)” [...]

Ou seja, se nos velhos tempos os Macabeus venceram , foi porque eles destruíram o Templo e as cerimônias, agora chegou a sua vez soldado cristão, faça o mesmo, pegue sua

arma assim como eles o fizeram. Com isso, outra uma vez o Papa induz o povo à violência, contrariando os princípios da Igreja Católica Apostólica Romana.

Constatando que religião e política são inseparáveis e o que é pior, com a utilização de armas, o Papa utiliza-se de maneira estratégica dos seus conhecimentos e rememora passagens como a dos povos Macabeus, incitando os cristãos à violência como se verifica no recorte 4.

Recorte 5

“[...] Nós agora propomos (ou mandamos?) com vocês guerras, (o Papa, em nome da Igreja incita à violência) que têm em si mesmas a gloriosa recompensa do martírio (morte?), que serão objeto de elogio (de cavaleiro?), agora e sempre.”[...]

Observa-se nesse recorte que o Papa, representante da Igreja Católica Apostólica Romana, propõe (manda) que o povo vá ao combate tendo como recompensa a glória eterna, pois somente assim será reconhecido. Como sua palavra é legitimada pela igreja, logo é verdadeira . Por que o povo então não deve segui-la?

Recorte 6

“[...] Se tudo que há de pregação brotou de Jerusalém, suas torrentes, para onde quer que se espalhem no mundo, envolverão os corações da multidão Católica, que eles podem considerar sabiamente, bebem da fonte caudalosa. Se os rios retornam ao lugar de onde vieram para fluir mais adiante, de acordo com os dizeres de Salomão, deverá parecer glorioso para vocês serem capazes de limpar novamente este lugar, por isso receberão a limpeza do batismo e o testemunho de sua fé (limpeza significa matar o inimigo?)”.

Ou seja, depois de matar o inimigo, o povo deverá ser batizado novamente, o que significa que matar é pecado, porém, para ser cristão é preciso matar. O Papa parece criar um conflito nesse processo, mas que passa obscuramente aos olhos do povo, pois a fé não leva à discussão e sim à submissão.

Depois de construir o discurso com base nas passagens bíblicas, o que parece proporcionar credibilidade ao povo, mas que na verdade é uma estratégia, o Papa apela para a

rememoração da figura mítica do Anticristo e a profecia referente à renovação (conversão) da fé do povo não-cristão.

Recorte 7

“[...] Por isto é claro que o Anticristo vem para lutar não com os Judeus, nem com os Gentios, mas de acordo com a etimologia do seu nome, Ele atacará os cristãos (é uma ameaça?). E se o Anticristo lá (Oriente) não encontrar [...], nenhum cristão para opor-se a Ele ou a quem Ele possa dominar, (alguém pretende realizar um movimento sócio-político?) de acordo com Daniel e Jerônimo, o intérprete de Daniel, Ele fixará sua tenda no Monte das Oliveiras, [...], matará primeiro os três reis: do Egito, da África e Etiópia, sem dúvida, por sua fé não-cristã (então esse povo deve ser convertido?)” [...].

O Papa através da figura mítica do Anticristo atinge o povo na essência da sua religiosidade, a fé, pois eles acreditavam que em breve aconteceria a segunda chegada de Cristo precedida pela vinda do Anticristo.

Tal apelo joga com a idéia de complementaridade e reciprocidade relativa à figura de Deus: em que filhos fiéis precisam de Deus, mas Deus precisa de filhos fiéis para realizar seus planos? A Igreja cria, com isso, uma situação de conflito, mas que passa em silêncio nas fileiras do povo. (Por que Deus, Todo-Poderoso, precisaria de simples mortais para levar a bom termo seus planos?)

Recorte 8

“[...] Pensem naqueles que fizeram a peregrinação através do mar! [...] eles foram forçados a pagar tributos durante o caminho tão [...] entrada de Igrejas e Templos em toda jornada, de um lugar para outro, além do que, se uma acusação fosse feita contra eles, eram obrigados a pagar pelo perdão, e se eles se recusassem [...] eles prontamente os destruíam.” (É um fato um uma suposição?)

A política de argumentação nesse discurso é a da não-visibilidade – a do imaginário-tenso clima que “palavras” produzem e fazem sentido e as relações entre as pessoas, simultaneamente, são definidas em diferentes grupos de poder, isto é, cristãos, e não- cristãos. As histórias de mal-dizer são formas de organizar uma sociedade nascente. Nessa situação, as formas de poder são exercidas como maldade feroz e visível. Nesse texto são incontáveis as

passagens de situações de linguagem em que se joga o equívoco, o medo, as ameaças. A palavra funciona como uma arma para obter adeptos a luta pretendida, a (re)tomada de Jerusalém e com a utilização da violência.

Finalmente, o discurso encerado na representação de Guibert de Nogent, diz que o Papa absolve de todos os pecados os que seriam soldados de Cristo e condena com anátema (excomunhão) aqueles que ousassem molestar as crianças, as mulheres casadas e as posses daqueles que fizessem a jornada por Deus.

O sujeito no discurso é a voz que predomina, uma voz plena de autoridade, ou seja, a da Igreja na representação do Papa. Como seu representante legítimo, apresenta um opositor que, de acordo com a etimologia do nome, vem atacar os cristãos. A mobilização desse enunciador cria uma expectativa de que algo em breve aconteceria, e, conseqüentemente algo teria de ser feito diante da situação a fim de reverter o caos que se instalara no Oriente e na vida dos cristãos que lá viviam. O que exigia uma posição da Igreja. Então, por que não instaurar o medo? Daí a representação do Anticristo, uma forma coercitiva de conseguir adeptos para (re)tomada de Jerusalém, inclusive com a utilização da violência.

Observa-se que o locutor (o Papa) movimenta várias vozes no interior desse discurso e que falam de perspectivas diferentes, com as quais o locutor pode ou não se identificar, porém é na perspectiva do locutor (o Papa), que se sustenta a argumentação favorável a (re)tomada de Jerusalém, na perspectiva de uma voz inquestionável, a de Deus, que vai apagando e se resume a uma única voz, a que silencia as outras vozes que poderiam vir a se manifestar no discurso.

4.5 COMPARAÇÕES (SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS) ENTRE AS QUATRO VERSÕES DO DISCURSO DO PAPA URBANO II

Todas as versões apresentam a assimetria entre os planos espiritual e temporal, propriedade do discurso religioso;

Todas as versões utilizam passagens da Bíblia diferenciadas, porém a única versão que mostra as citações é a de Fulcher de Chartres, o que proporciona credibilidade (cientificidade) ao discurso e ainda é a versão que mais utiliza os performativos como: exortar, demandar e ordenar.

Embora as citações não sejam numeradas, na versão de Guibert de Nogent observa-se que estas, na sua grande maioria, se referem ao velho testamento, dessa forma consegue construir no texto a rememoração da figura mítica do Anticristo;

Todas as versões apresentam narrativas maledicentes, com a finalidade de dividir (excluir) o povo-cristão do povo não-cristão;

Todas as versões do discurso são heterogêneas, ou seja, mostram que política e religião estão interligadas, porém na versão de Fulcher de Chartres há uma conotação política mais acentuada, quando o Papa incentiva à expansão do território a fim de impedir o crescimento das outras religiões e manter o domínio das regiões salineiras, grande riqueza da época (Helesponto – atual estreito de Dardanelos);

Todas as versões apresentam antíteses, as quais procuram mostrar as diferenças entre os planos espiritual e temporal;

Todas apresentam metonímias e metáforas como finalidade de produzir novos sentidos no texto, direcionando o discurso à conclusão do locutor, isto é, a violência;

Na versão de Guibert de Nogent observa-se a presença de um dos provérbios de Salomão, (Ecles 1,7) utilizado para expandir o cristianismo;

Na versão de Fulcher de Chartres verifica-se a presença da parábola do lobo e da ovelha, em que o lobo mata a ovelha, demonstrando o domínio do mais forte sobre o mais fraco, constituindo uma forma de incitar o alocutário à violência;

A versão de Roberto o Monge é a única que menciona o grito de guerra dos cristãos repetidamente: “É o querer de Deus”, incitando o povo à violência.

Portanto, observa-se que as quatro versões variam quanto às exposições dos fatos, porém, todas incitam de forma explícita a utilização de violência, o que é pior, em nome de Deus, na representação do Papa Urbano II e da Igreja Católica Apostólica Romana no Concílio de Clermont, na França, em 1095.

5 CONCLUSÃO

O corpus escolhido para a análise com base na pesquisa realizada, foi bastante representativo, o discurso do Papa Urbano II, representante da Igreja Católica Apostólica Romana, proferido em 1095, no Concílio de Clermont, na França, analisado em quatro versões, a de Fulcher de Chartres, a de Roberto o Monge, a de Balderic de Dol e a de Guibert de Nogent, onde todos atestam terem estado presentes ao Concílio.

As cruzadas foram uma decorrência de transformações dentro da própria cristandade na Europa Ocidental, onde os cruzados acreditavam que aquela seria a única forma de penitência e que seus pecados e os de seus familiares seriam todos perdoados. O movimento começou no seio da religião, porém, também teve importante extensão política envolvendo reis e nobres poderosos das mais importantes nações da época que partiram para buscar o domínio dos territórios ao redor de Jerusalém. Portanto, as cruzadas foram predominantemente um movimento de purificação religiosa com alguma extensão política. Faltava uma convocação, um estímulo para que o movimento tivesse início, e este veio com o discurso do Papa Urbano II - corpus deste estudo - que conclamou o povo cristão para a “guerra santa”.

Aí se mostra o poder das palavras, subjetivamente escolhidas pelo autor do discurso, contendo uma carga de violência arrebatadora, o que fez com que, ao fim deste, os cristãos europeus pegassem em armas e fossem à luta pela liberdade dos seus irmãos cristãos de Jerusalém sem questionamentos.

Os fatores que contribuíram para a conclamação foram: a fragmentação da região ao longo do mar Mediterrâneo e domínio dos povos turcos; as peregrinações até Jerusalém que se tornaram cada dia mais perigosas; a guerra entre as tribos que viviam no Oriente eram até então uma constante; o interesse pelas regiões produtoras de sal, uma das maiores riquezas da época, comparadas hoje ao petróleo, que era abundante na região do braço de São Jorge, no “Helesponto”, conhecido hoje como estreito de Dardanelos, próximo a Istambul, na Turquia e que liga o mar Egeu ao mar Negro, um ponto de alta estratégia para a passagem do Ocidente para o Oriente; o avanço territorial pelos turcos, havia ainda o interesse de não permitir a expansão de outras religiões. Tudo isso, transformou o Oriente em uma região muito cobiçada pelo homem cristão e não- cristão, logo, em um foco de disputa e violência.

Utilizar a “Análise de Discurso” foi a opção para o estudo, pois ela ocupa-se dos processos e das condições de produção da linguagem, estabelecendo uma relação necessária da linguagem com o contexto de sua produção. Como os processos constitutivos da linguagem são histórico-sociais, este estudo permite mostrar ainda que as condições sócio-históricas, os aspectos lingüísticos e as ideologias subjacentes ao discurso enunciado são determinantes, de um modo ou de outro, do que é possível dizer (e não- dizer) para fazer, em meio às contradições presentes naquele discurso para construção da violência, que conseguiu levar multidões à (re)tomada de Jerusalém. O discurso religioso, na caracterização de um discurso autoritário, observa-se o movimento de outras vozes no seu interior, e, ainda que o autor, não tivesse impregnado pelo poder que lhe foi concedido, como representante da Igreja Católica Apostólica Romana, precisaria criar estratégias para submeter o povo cristão à retomada de Jerusalém. Portanto, no corpus dessa pesquisa problematiza-se a caracterização do discurso religioso, em um discurso polifônico mas que tende a monofonia, em que predomina a fala do locutor, a do Papa, mas que vai apagando e reduzindo-se a uma única voz no discurso, sem deixar brechas para o outro se manifestar ou fazer questionamentos.

O Papa, sujeito do discurso, na formação discursiva, fala de um lugar que sabe o que pode dizer, o que deve ser dito, e articula o seu dizer, fazendo prevalecer sempre a sua fala. É o lugar do discurso que regula a polissemia por meio do processo parafrástico, utilizando-se de estratégias como as metáforas, parábolas, provérbios, passagens bíblicas, hipérbolos, tece sua trama proporcionando efeitos de sentido no imaginário dos demais sujeitos (os cristãos), que constroem a imagem do povo não-cristão como um povo inimigo, maligno e que deve ser exterminado, com o uso da violência.

É na palavra do Papa, único locutor, nessa relação de intersubjetividade entre o homem e Deus que nasce a assimetria entre os planos, isto é, a diferença entre os planos espiritual e o plano temporal, propriedade do discurso religioso. Lugares em que as idéias e os valores se firmam como verdade – daí o efeito ideológico cristão – que se materializa no discurso.

É na construção do discurso religioso, da Primeira Cruzada, que os cristãos europeus mostram o quanto a esfera do sagrado, da fé e devoção, intervém em ações (omissões) que direcionaram a vidas de todas as pessoas, que não passaram incólumes às expressões que atravessam e estruturam a religião. Cada cavaleiro que vestia a túnica de cruzado acreditava que, na derradeira hora, seria absolvido de seus pecados – além de ter a garantia à vida eterna. Tudo isso parece mostrar o verdadeiro valor da religião católica, e da palavra divina, unindo um incontestável número de pessoas de todas as idades, homens e mulheres, ricos e pobres, em práticas e crenças comuns aproximando-as por meio de um mesmo objetivo de vida, mesmo que este objetivo implicasse a utilização de violência.

Em suma, o discurso de Urbano II foi fundamental para o início do que se convencionou chamar de Cruzada, mas a convocação só funcionou porque a população ouvinte estava propensa e sensível à argumentação do Papa, que em nome do amor a Deus se reconhece em sua crença.

Como se pode constatar, o choque cultural não acontece casualmente, ele é produzido. As estranhezas e familiaridades são processos histórico-sociais claramente inscritos nas instituições, sejam elas políticas ou religiosas.

Essa abordagem de discurso sobre os cristãos e não- cristãos, pode iniciar uma outra discussão – sempre através de análise de linguagem – sobre a questão do discurso em seu avesso, que levaram Nietzsche a dizer do cristianismo: “esta negação de vontade de viver tornada religião” (Anti-Cristo) (apud Orlandi, 1987, p.9).

Negação de vontade de viver, código ético de convivência humana, ou superação de limites, são muitas as funções da religião. Vista de outra forma pelos cristãos ela é onipresente, lugar de libertação, de salvação, de consolo e sua presença é fundamental na cultura do povo ocidental. Dessa perspectiva é possível afirmar que, uma vez detectado o caráter religioso presente nos mais diferenciados processos de significação, percebe-se que vários discursos da cultura ocidental podem ser atravessados pelo discurso religioso como, o pedagógico, o jurídico, o acadêmico, o das minorias etc.

Porém, a religião, sendo vista enquanto discurso, leva a apreender um dos lugares de sua constituição: o discurso religioso como a territorialização do homem. É onde ele a constrói e se expressa. Com base nessas reflexões, será que o Papa Urbano II poderia imaginar o poder de suas palavras? Na consideração de que a fundamentação evangélica do discurso do Papa seguia (e segue ainda hoje) os ensinamentos de Cristo, questiona-se então: como se pode ofender alguém ou até mandar matar, em nome de Deus?

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **Jerusalém: uma cidade, três religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARTLETT, W. B. **História ilustrada das cruzadas**. Tradução de N. Almeida Filho. São Paulo: Ediouro, 2002.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 3 ed Campinas: Unicamp, 1994.

_____. **Subjetividade, argumentação, polifonia**: a propaganda da Petrobrás. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 1998.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução Mateus Hoepers. 9 ed Petrópolis: Vozes, 1983

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1995.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2000.

FALBEL, N. **Crônicas hebraicas sobre as cruzadas**. São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial, 2001.

FOUCAUT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2000.

FURLANETTO, M. M. **Produzindo textos: gêneros ou tipos?** Perspectiva, Florianópolis, v.20, n.1, p.77-104, jan./jun. 2002. Disponível em <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/pdf/>. Acesso em 12. ago. 2004

LE GOFF, J.; SCHMITT, J. **Dicionário temático do ocidente medieval**. São Paulo: E-dusc/Imprensa Oficial 2002.

LEGUINECHE; M; VELASCO, M. A. **A viagem prodigiosa: 9 séculos depois da primeira cruzada**. Tradução de A. F. Borges. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAALOUF, A. **As cruzadas vistas pelos árabes**. Tradução de P. Alphene, R. Muoio. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MAINGUENEAU, D. **Introdução à lingüística**. Lisboa: Gradiva, 1997.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. 3 ed, Campinas: Pontes, 1996.

ORLANDI, ENI P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1996. _____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

_____. **Discurso & leitura**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Da história no discurso**. 2 ed, Campinas: Unicamp,1997.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **Palavra, fé, poder**. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Terra à vista**. São Paulo: Cortez, 1990.

**ANEXO (1): AS VERSÕES DO DISCURSO DO PAPA URBANO II, EM INGLÊS, NO
CONCÍLIO DE CLERMONT, NA FRANÇA EM NOVEMBRO DE 1095**

1. Fulcher of Chartres

[adapted from Thatcher] Here is the one by the chronicler Fulcher of Chartres. Note how the traditions of the peace and truce of God - aimed at bringing about peace in Christendom - ties in directly with the call for a Crusade. Does this amount to the export of violence?

Most beloved brethren: Urged by necessity, I, Urban, by the permission of God chief bishop and prelate over the whole world, have come into these parts as an ambassador with a divine admonition to you, the servants of God. I hoped to find you as faithful and as zealous in the service of God as I had supposed you to be. But if there is in you any deformity or crookedness contrary to God's law, with divine help I will do my best to remove it. For God has put you as stewards over his family to minister to it. Happy indeed will you be if he finds you faithful in your stewardship. You are called shepherds; see that you do not act as hirelings. But be true shepherds, with your crooks always in your hands. Do not go to sleep, but guard on all sides the flock committed to you. For if through your carelessness or negligence a wolf carries away one of your sheep, you will surely lose the reward laid up for you with God. And after you have been bitterly scourged with remorse for your faults-, you will be fiercely overwhelmed in hell, the abode of death. For according to the gospel you are the salt of the earth [Matt. 5:13]. But if you fall short in your duty, how, it may be asked, can it be salted? O how great the need of salting! It is indeed necessary for you to correct with the salt of wisdom this foolish people which is so devoted to the pleasures of this -world, lest the Lord, when He may wish to speak to them, find them putrefied by their sins unsalted and stinking. For if He, shall find worms, that is, sins, in them, because you have been negligent in your duty, He will command them as worthless to be thrown into the abyss of unclean things. And because you cannot restore to Him His great loss, He will surely condemn you and drive you from His loving presence. But the man who applies this salt should be prudent, provident, modest, learned, peaceable, watchful, pious, just, equitable, and pure. For how can the ignorant teach others? How can the licentious make others modest? And how can the impure make others pure? If anyone hates peace, how can he make others peaceable? Or if anyone has soiled his hands with baseness, how can he cleanse the impurities of another? We read also that if the blind lead the blind, both will fall into the ditch [Matt. 15:14]. But first correct yourselves, in order that, free from blame, you may be able to correct those who are subject to you. If you wish to be the friends of God, gladly do the things which you know will please Him. You must especially let all matters that pertain to the church be controlled by the law of the church. And be careful that simony does not take root among you, lest both those who buy and those who sell [church offices] be beaten with the scourges of the Lord through narrow streets and driven into the place of destruction and confusion. Keep the church and the clergy in all its grades entirely free from the secular power. See that the tithes that belong to God are faithfully paid from all the produce of the land; let them not be sold or withheld. If anyone seizes a bishop let him be treated as an outlaw. If anyone seizes or robs monks, or clergymen, or nuns, or their servants, or pilgrims, or merchants, let him be anathema [that is, cursed]. Let robbers and incendiaries and all their accomplices be expelled from the church and anthematized. If a man who does not give a part of his goods as alms is punished with the damnation of hell, how should he be punished who robs another of his goods? For thus it happened to the rich man in the gospel [Luke 16:19]; he was not punished because he had stolen the goods of another, but because he had not used well the things which were his.

"You have seen for a long time the great disorder in the world caused by these crimes. It is so bad in some of your provinces, I am told, and you are so weak in the administration of justice, that one can hardly go along the road by day or night without being attacked by robbers; and whether at home or abroad one is in danger of be-

ing despoiled either by force or fraud. Therefore it is necessary to reenact the truce, as it is commonly called, which was proclaimed a long time ago by our holy fathers. I exhort and demand that you, each, try hard to have the truce kept in your diocese. And if anyone shall be led by his cupidity or arrogance to break this truce, by the authority of God and with the sanction of this council he shall be anathematized."

After these and various other matters had been attended to, all who were present, clergy and people, gave thanks to God and agreed to the pope's proposition. They all faithfully promised to keep the decrees. Then the pope said that in another part of the world Christianity was suffering from a state of affairs that was worse than the one just mentioned. He continued:

"Although, O sons of God, you have promised more firmly than ever to keep the peace among yourselves and to preserve the rights of the church, there remains still an important work for you to do. Freshly quickened by the divine correction, you must apply the strength of your righteousness to another matter which concerns you as well as God. For your brethren who live in the east are in urgent need of your help, and you must hasten to give them the aid which has often been promised them. For, as the most of you have heard, the Turks and Arabs have attacked them and have conquered the territory of Romania [the Greek empire] as far west as the shore of the Mediterranean and the Hellespont, which is called the Arm of St. George. They have occupied more and more of the lands of those Christians, and have overcome them in seven battles. They have killed and captured many, and have destroyed the churches and devastated the empire. If you permit them to continue thus for awhile with impurity, the faithful of God will be much more widely attacked by them. On this account I, or rather the Lord, beseech you as Christ's heralds to publish this everywhere and to persuade all people of whatever rank, foot-soldiers and knights, poor and rich, to carry aid promptly to those Christians and to destroy that vile race from the lands of our friends. I say this to those who are present, it meant also for those who are absent. Moreover, Christ commands it.

"All who die by the way, whether by land or by sea, or in battle against the pagans, shall have immediate remission of sins. This I grant them through the power of God with which I am invested. O what a disgrace if such a despised and base race, which worships demons, should conquer a people which has the faith of omnipotent God and is made glorious with the name of Christ! With what reproaches will the Lord overwhelm us if you do not aid those who, with us, profess the Christian religion! Let those who have been accustomed unjustly to wage private warfare against the faithful now go against the infidels and end with victory this war which should have been begun long ago. Let those who for a long time, have been robbers, now become knights. Let those who have been fighting against their brothers and relatives now fight in a proper way against the barbarians. Let those who have been serving as mercenaries for small pay now obtain the eternal reward. Let those who have been wearing themselves out in both body and soul now work for a double honor. Behold! on this side will be the sorrowful and poor, on that, the rich; on this side, the enemies of the Lord, on that, his friends. Let those who go not put off the journey, but rent their lands and collect money for their expenses; and as soon as winter is over and spring comes, let them eagerly set out on the way with God as their guide."

Source: Bongars, *Gesta Dei per Francos*, 1, pp. 382 f., trans in Oliver J. Thatcher, and Edgar Holmes McNeal, eds., *A Source Book for Medieval History*, (New York: Scribners, 1905), 513-17

2. Robert the Monk

Robert perhaps 25 years after the speech, but he may have been present at the council. He used the *Gesta* version (see below, number 3).

Oh, race of Franks, race from across the mountains, race chosen and beloved by God as shines forth in very many of your works set apart from all nations by the situation

of your country, as well as by your catholic faith and the honor of the holy church! To you our discourse is addressed and for you our exhortation is intended. We wish you to know what a grievous cause has led us to Your country, what peril threatening you and all the faithful has brought us.

From the confines of Jerusalem and the city of Constantinople a horrible tale has gone forth and very frequently has been brought to our ears, namely, that a race from the kingdom of the Persians, an accursed race, a race utterly alienated from God, a generation forsooth which has not directed its heart and has not entrusted its spirit to God, has invaded the lands of those Christians and has depopulated them by the sword, pillage and fire; it has led away a part of the captives into its own country, and a part it has destroyed by cruel tortures; it has either entirely destroyed the churches of God or appropriated them for the rites of its own religion. They destroy the altars, after having defiled them with their uncleanness. They circumcise the Christians, and the blood of the circumcision they either spread upon the altars or pour into the vases of the baptismal font. When they wish to torture people by a base death, they perforate their navels, and dragging forth the extremity of the intestines, bind it to a stake; then with flogging they lead the victim around until the viscera having gushed forth the victim falls prostrate upon the ground. Others they bind to a post and pierce with arrows. Others they compel to extend their necks and then, attacking them with naked swords, attempt to cut through the neck with a single blow. What shall I say of the abominable rape of the women? To speak of it is worse than to be silent. The kingdom of the Greeks is now dismembered by them and deprived of territory so vast in extent that it can not be traversed in a march of two months. On whom therefore is the labor of avenging these wrongs and of recovering this territory incumbent, if not upon you? You, upon whom above other nations God has conferred remarkable glory in arms, great courage, bodily activity, and strength to humble the hairy scalp of those who resist you.

Let the deeds of your ancestors move you and incite your minds to manly achievements; the glory and greatness of king Charles the Great, and of his son Louis, and of your other kings, who have destroyed the kingdoms of the pagans, and have extended in these lands the territory of the holy church. Let the holy sepulchre of the Lord our Saviour, which is possessed by unclean nations, especially incite you, and the holy places which are now treated with ignominy and irreverently polluted with their filthiness. Oh, most valiant soldiers and descendants of invincible ancestors, be not degenerate, but recall the valor of your progenitors.

But if you are hindered by love of children, parents and wives, remember what the Lord says in the Gospel, "He that loveth father or mother more than me, is not worthy of me." "Every one that hath forsaken houses, or brethren, or sisters, or father, or mother, or wife, or children, or lands for my name's sake shall receive an hundred-fold and shall inherit everlasting life." Let none of your possessions detain you, no solicitude for your family affairs, since this land which you inhabit, shut in on all sides by the seas and surrounded by the mountain peaks, is too narrow for your large population; nor does it abound in wealth; and it furnishes scarcely food enough for its cultivators. Hence it is that you murder one another, that you wage war, and that frequently you perish by mutual wounds. Let therefore hatred depart from among you, let your quarrels end, let wars cease, and let all dissensions and controversies slumber. Enter upon the road to the Holy Sepulchre; wrest that land from the wicked race, and subject it to yourselves. That land which as the Scripture says "floweth with milk and honey," was given by God into the possession of the children of Israel Jerusalem is the navel of the world; the land is fruitful above others, like another paradise of delights. This the Redeemer of the human race has made illustrious by His advent, has beautified by residence, has consecrated by suffering, has redeemed by death, has glorified by burial. This royal city, therefore, situated at the centre of the world, is now held captive by His enemies, and is in subjection to those who do not know God, to the worship of the heathens. She seeks therefore and desires to be liberated, and does not cease to implore you to come to her aid. From you especially she asks succor, because, as we have already said, God has conferred upon you

above all nations great glory in arms. Accordingly undertake this journey for the remission of your sins, with the assurance of the imperishable glory of the kingdom of heaven.

When Pope Urban had said these and very many similar things in his urbane discourse, he so influenced to one purpose the desires of all who were present, that they cried out, "It is the will of God! It is the will of God!" When the venerable Roman pontiff heard that, with eyes uplifted to heaven he gave thanks to God and, with his hand commanding silence, said:

Most beloved brethren, today is manifest in you what the Lord says in the Gospel, "Where two or three are gathered together in my name there am I in the midst of them." Unless the Lord God had been present in your spirits, all of you would not have uttered the same cry. For, although the cry issued from numerous mouths, yet the origin of the cry was one. Therefore I say to you that God, who implanted this in your breasts, has drawn it forth from you. Let this then be your war-cry in combats, because this word is given to you by God. When an armed attack is made upon the enemy, let this one cry be raised by all the soldiers of God: It is the will of God! It is the will of God!

And we do not command or advise that the old or feeble, or those unfit for bearing arms, undertake this journey; nor ought women to set out at all, without their husbands or brothers or legal guardians. For such are more of a hindrance than aid, more of a burden than advantage. Let the rich aid the needy; and according to their wealth, let them take with them experienced soldiers. The priests and clerks of any order are not to go without the consent of their bishop; for this journey would profit them nothing if they went without permission of these. Also, it is not fitting that laymen should enter upon the pilgrimage without the blessing of their priests.

Whoever, therefore, shall determine upon this holy pilgrimage and shall make his vow to God to that effect and shall offer himself to Him as a living sacrifice, holy, acceptable unto God, shall wear the sign of the cross of the Lord on his forehead or on his breast. When, truly, having fulfilled his vow he wishes to return, let him place the cross on his back between his shoulders. Such, indeed, by the twofold action will fulfill the precept of the Lord, as He commands in the Gospel, "He that taketh not his cross and followeth after me, is not worthy of me."

Source:

Dana C. Munro, "Urban and the Crusaders", *Translations and Reprints from the Original Sources of European History*, Vol 1:2, (Philadelphia: University of Pennsylvania, 1895), 5-8

3. The Gesta Version

Circa 1100-1101, an anonymous writer connected with Bohemund of Antioch wrote the *Gesta francorum et aliorum Hierosolymitanorum*; (The Deeds of the Franks) This text was used by the later writers as a source.

When now that time was at hand which the Lord Jesus daily points out to His faithful, especially in the Gospel, saying, "If any man would come after me, let him deny himself and take up his cross and follow me," a mighty agitation was carried on throughout all the region of Gaul. (Its tenor was) that if anyone desired to follow the Lord zealously, with a pure heart and mind, and wished faithfully to bear the cross after Him, he would no longer hesitate to take up the way to the Holy Sepulchre.

And so Urban, Pope of the Roman see, with his archbishops, bishops, abbots, and priests, set out as quickly as possible beyond the mountains and began to deliver sermons and to preach eloquently, saying: "Whoever wishes to save his soul should not hesitate humbly to take up the way of the Lord, and if he lacks sufficient money,

divine mercy will give him enough." Then the apostolic lord continued, "Brethren, we ought to endure much suffering for the name of Christ - misery, poverty, nakedness, persecution, want, illness, hunger, thirst, and other (ills) of this kind, just as the Lord saith to His disciples: 'Ye must suffer much in My name,' and 'Be not ashamed to confess Me before the faces of men; verily I will give you mouth and wisdom,' and finally, 'Great is your reward in Heaven.'" And when this speech had already begun to be noised abroad, little by little, through all the regions and countries of Gaul, the Franks, upon hearing such reports, forthwith caused crosses to be sewed on their right shoulders, saying that they followed with one accord the footsteps of Christ, by which they had been redeemed from the hand of hell.

Source: August. C. Krey, *The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants*, (Princeton: 1921), 28-30.

See also Rosalind M. Hill, ed. and trans., *Gesta francorum et aliorum Hierosolymitanorum: The Deeds of the Franks* (London: 1962), [Latin text with English translation.]

3. Version of Balderic of Dol

Balderic was archbishop of Dol. He wrote in the early twelfth century and his main source was the *Gesta*

... "We have heard, most beloved brethren, and you have heard what we cannot recount without deep sorrow how, with great hurt and dire sufferings our Christian brothers, members in Christ, are scourged, oppressed, and injured in Jerusalem, in Antioch, and the other cities of the East. Your own blood brothers, your companions, your associates (for you are sons of the same Christ and the same Church) are either subjected in their inherited homes to other masters, or are driven from them, or they come as beggars among us; or, which is far worse, they are flogged and exiled as slaves for sale in their own land. Christian blood, redeemed by the blood of Christ, has been shed, and Christian flesh, akin to the flesh of Christ, has been subjected to unspeakable degradation and servitude. Everywhere in those cities there is sorrow, everywhere misery, everywhere groaning (I say it with a sigh). The churches in which divine mysteries were celebrated in olden times are now, to our sorrow, used as stables for the animals of these people! Holy men do not possess those cities; nay, base and bastard Turks hold sway over our brothers. The blessed Peter first presided as Bishop at Antioch; behold, in his own church the Gentiles have established their superstitions, and the Christian religion, which they ought rather to cherish, they have basely shut out from the ball dedicated to God! The estates given for the support of the saints and the patrimony of nobles set aside for the sustenance of the poor are subject to pagan tyranny, while cruel masters abuse for their own purposes the returns from these lands. The priesthood of God has been ground down into the dust. The sanctuary of God (unspeakable shame!) is everywhere profaned. Whatever Christians still remain in hiding there are sought out with unheard of tortures.

"Of holy Jerusalem, brethren, we dare not speak, for we are exceedingly afraid and ashamed to speak of it. This very city, in which, as you all know, Christ Himself suffered for us, because our sins demanded it, has been reduced to the pollution of paganism and, I say it to our disgrace, withdrawn from the service of God. Such is the heap of reproach upon us who have so much deserved it! Who now serves the church of the Blessed Mary in the valley of Josaphat, in which church she herself was buried in body? But why do we pass over the Temple of Solomon, nay of the Lord, in which the barbarous nations placed their idols contrary to law, human and divine? Of the Lord's Sepulchre we have refrained from speaking, since some of you with your own eyes have seen to what abominations it has been given over. The Turks violently took from it the offerings which you brought there for alms in such vast amounts, and, in addition, they scoffed much and often 'at Your religion. And yet in that place (I say only what you already know) rested the Lord; there He died

for us; there He was buried. How precious would be the longed for, incomparable place of the Lord's burial, even if God failed there to perform the yearly miracle! For in the days of His Passion all the lights in the Sepulchre and round about in the church, which have been extinguished, are relighted by divine command. Whose heart is so stony, brethren, that it is not touched by so great a miracle? Believe me, that man is bestial and senseless whose heart such divinely manifest grace does not move to faith! And yet the Gentiles see this in common with the Christians and are not turned from their ways! They are, indeed, afraid, but they are not converted to the faith; nor is it to be wondered at, for a blindness of mind rules over them. With what afflictions they wronged you who have returned and are now present, you yourselves know too well you who there sacrificed your substance and your blood for God.

"This, beloved brethren, we shall say, that we may have you as witness of our words. More suffering of our brethren and devastation of churches remains than we can speak of one by one, for we are oppressed by tears and groans, sighs and sobs. We weep and wail, brethren, alas, like the Psalmist, in our inmost heart! We are wretched and unhappy, and in us is that prophecy fulfilled: 'God, the nations are come into thine inheritance; thy holy temple have they defiled; they have laid Jerusalem in heaps; the dead bodies of thy servants have been given to be food for the birds of the heaven, the flesh of thy saints unto the beasts of the earth. Their blood have they shed like water round about Jerusalem, and there was none to bury them.' Woe unto us, brethren! We who have already become a reproach to our neighbors, a scoffing, and derision to them round about us, let us at least with tears condone and have compassion upon our brothers! We who are become the scorn of all peoples, and worse than all, let us bewail the most monstrous devastation of the Holy Land! This land we have deservedly called holy in which there is not even a footstep that the body or spirit of the Saviour did not render glorious and blessed which embraced the holy presence of the mother of God, and the meetings of the apostles, and drank up the blood of the martyrs shed there. How blessed are the stones which crowned you Stephen, the first martyr! How happy, O, John the Baptist, the waters of the Jordan which served you in baptizing the Saviour! The children of Israel, who were led out of Egypt, and who prefigured you in the crossing of the Red Sea, have taken that land, by their arms, with Jesus as leader; they have driven out the Jebusites and other inhabitants and have themselves inhabited earthly Jerusalem, the image of celestial Jerusalem.

"What are we saying? Listen and learn! You, girt about with the badge of knight-hood, are arrogant with great pride; you rage against your brothers and cut each other in pieces. This is not the (true) soldiery of Christ which rends asunder the sheepfold of the Redeemer. The Holy Church has reserved a soldiery for herself to help her people, but you debase her wickedly to her hurt. Let us confess the truth, whose heralds we ought to be; truly, you are not holding to the way which leads to life. You, the oppressors of children, plunderers of widows; you, guilty of homicide, of sacrilege, robbers of another's rights; you who await the pay of thieves for the shedding of Christian blood -- as vultures smell fetid corpses, so do you sense battles from afar and rush to them eagerly. Verily, this is the worst way, for it is utterly removed from God! if, forsooth, you wish to be mindful of your souls, either lay down the girdle of such knighthood, or advance boldly, as knights of Christ, and rush as quickly as you can to the defence of the Eastern Church. For she it is from whom the joys of your whole salvation have come forth, who poured into your mouths the milk of divine wisdom, who set before you the holy teachings of the Gospels. We say this, brethren, that you may restrain your murderous hands from the destruction of your brothers, and in behalf of your relatives in the faith oppose yourselves to the Gentiles. Under Jesus Christ, our Leader, may you struggle for your Jerusalem, in Christian battleline, most invincible line, even more successfully than did the sons of Jacob of old - struggle, that you may assail and drive out the Turks, more execrable than the Jebusites, who are in this land, and may you deem it a beautiful thing to die for Christ in that city in which He died for us. But if it befall you to die this side of it, be sure that to have died on the way is of equal value, if

Christ shall find you in His army. God pays with the same shilling, whether at the first or eleventh hour. You should shudder, brethren, you should shudder at raising a violent hand against Christians; it is less wicked to brandish your sword against Saracens. It is the only warfare that is righteous, for it is charity to risk your life for your brothers. That you may not be troubled about the concerns of tomorrow, know that those who fear God want nothing, nor those who cherish Him in truth. The possessions of the enemy, too, will be yours, since you will make spoil of their treasures and return victorious to your own; or empurpled with your own blood, you will have gained everlasting glory. For such a Commander you ought to fight, for One who lacks neither might nor wealth with which to reward you.

Short is the way, little the labor, which, nevertheless, will repay you with the crown that fadeth not away. Accordingly, we speak with the authority of the prophet: 'Gird thy sword upon thy thigh O mighty one.' Gird yourselves, everyone of you, I say, and be valiant sons; for it is better for you to die in battle than to behold, the sorrows of your race and of your holy places. Let neither property nor the alluring charms of your wives entice you from going; nor let the trials that are to be borne so deter you that you remain here."

And turning to the bishops, he said, "You, brothers and fellow bishops; you, fellow priests and sharers with us in Christ, make this same announcement through the churches committed to you, and with your whole soul vigorously preach the journey to Jerusalem. When they have confessed the disgrace of their sins, do you, secure in Christ, grant them speedy pardon. Moreover, you who are to go shall have us praying for you; we shall have you fighting for God's people. It is our duty to pray, yours to fight against the Amalekites. With Moses, we shall extend unwearied hands in prayer to Heaven, while you go forth and brandish the sword, like dauntless warriors, against Amalek."

As those present were thus clearly informed by these and other words of this kind from the apostolic lord, the eyes of some were bathed in tears; some trembled, and yet others discussed the matter. However, in the presence of all at that same council, and as we looked on, the Bishop of Puy, a man of great renown and of highest ability, went to the Pope with joyful countenance and on bended knee sought and entreated blessing and permission to go., Over and above this, he won from the Pope the command that all should obey him, and that he should hold sway over all the army in behalf of the Pope, since all knew him to be a prelate of unusual energy and industry.

Source:

August. C. Krey, *The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants*, (Princeton: 1921), 33-36.

4. Version of Guibert de Nogent

Guibert, Abbot of Nogent, attended the Council of Clermont. His *Historia quae dicitur Gesta Dei per Francos* used both his own knowledge and other sources such as the *Gesta*.

"If among the churches scattered about over the whole world some, because of persons or location, deserve reverence above others (for persons, I say, since greater privileges are accorded to apostolic sees; for places, indeed, since the same dignity which is accorded to persons is also shown to regal cities, such as Constantinople), we owe most to that church from which we received the grace of redemption and the source of all Christianity. If what the Lord says namely, 'Salvation is from the Jews,' accords with the truth, and it is true that the Lord has left us Sabaoth as seed, that we may not become like Sodom and Gomorrah, and our seed is Christ, in whom is the salvation and benediction of all peoples, then, indeed, the very land and city in which He dwelt and suffered is, by witnesses of the Scriptures, holy. If this land is

spoken of in the sacred writings of the prophets as the inheritance and the holy temple of God before ever the Lord walked about in it, or was revealed, what sanctity, what reverence has it not acquired since God in His majesty was there clothed in the flesh, nourished, grew up, and in bodily form there walked about, or was carried about; and, to compress in fitting brevity all that might be told in a long series of words, since there the blood of the Son of God, more holy than heaven and earth, was poured forth, and His body, its quivering members dead, rested in the tomb. What veneration do we think it deserves? If, when the Lord had but just been crucified and the city was still held by the Jews, it was called holy by the evangelist when he says, 'Many bodies of the saints that had fallen asleep were raised; and coming forth out of the tombs after His resurrection, they entered into the holy city and appeared unto many,' and by the prophet Isaiah when he says, 'It shall be His glorious sepulchre,' then, surely, with this sanctity placed upon it by God the Sanctifier Himself, no evil that may befall it can destroy it, and in the same way glory is indivisibly fixed to His Sepulchre. Most beloved brethren, if you reverence the source of that holiness and if you cherish these shrines which are the marks of His footprints on earth, if you seek (the way), God leading you, God fighting in your behalf, you should strive with your utmost efforts to cleanse the Holy City and the glory of the Sepulchre, now polluted by the concourse of the Gentiles, as much as is in their power.

"If in olden times the Maccabees attained to the highest praise of piety because they fought for the ceremonies and the Temple, it is also justly granted you, Christian soldiers, to defend their liberty of your country by armed endeavor. If you, likewise, consider that the abode of the holy apostles and any other saints should be striven for with such effort, why do you refuse to rescue the Cross, the Blood, the Tomb? Why do you refuse to visit them, to spend the price of your lives in rescuing them? You have thus far waged unjust wars, at one time and another; you have brandished mad weapons to your mutual destruction, for no other reason than covetousness and pride, as a result of which you have deserved eternal death and sure damnation. We now hold out to you wars which contain the glorious reward of martyrdom, which will retain that title of praise now and forever.

"Let us suppose, for the moment, that Christ was not dead and buried, and had never lived any length of time in Jerusalem. Surely, if all this were lacking, this fact alone ought still to arouse you to go to the aid of the land and city -- the fact that 'Out of Zion shall go forth the law and the word of Jehovah from Jerusalem!' If all that there is of Christian preaching has flowed from the fountain of Jerusalem, its streams, whithersoever spread out over the whole world, encircle the hearts of the Catholic multitude, that they may consider wisely what they owe such a well-watered fountain. If rivers return to the place whence they have issued only to flow forth again, according to the saying of Solomon, it ought to seem glorious to you to be able to apply a new cleansing to this place, whence it is certain that you received the cleansing of baptism and the witness of your faith.

"And you ought, furthermore, to consider with the utmost deliberation, if by your labors, God working through you, it should occur that the Mother of churches should flourish anew to the worship of Christianity, whether, perchance, He may not wish other regions of the East to be restored to the faith against the approaching time of the Antichrist. For it is clear that Antichrist is to do battle not with the Jews, not with the Gentiles; but, according to the etymology of his name, He will attack Christians. And if Antichrist finds there no Christians (just as at present when scarcely any dwell there), no one will be there to oppose him, or whom he may rightly overcome. According to Daniel and Jerome, the interpreter of Daniel, he is to fix his tents on the Mount of Olives; and it is certain, for the apostle teaches it, that he will sit at Jerusalem in the Temple of the Lord, as though he were God. And according to the same prophet, he will first kill three kings of Egypt, Africa, and Ethiopia, without doubt for their Christian faith: This, indeed, could not at all be done unless Christianity was established where now is paganism. If, therefore, you are zealous in the practice of holy battles, in order that, just as you have received the seed of knowl-

edge of God from Jerusalem, you may in the same way restore the borrowed grace, so that through you the Catholic name may be advanced to oppose the perfidy of the Antichrist and the Antichristians then, who can not conjecture that God, who has exceeded the hope of all, will consume, in the abundance of your courage and through you as the spark, such a thicket of paganism as to include within His law Egypt, Africa, and Ethiopia, which have withdrawn from the communion of our belief? And the man of sin, the son of perdition, will find some to oppose him. Behold, the Gospel cries out, 'Jerusalem shall be trodden down by the Gentiles until the times of the Gentiles be fulfilled.' 'Times of the Gentiles' can be understood in two ways: Either that they have ruled over the Christians at their pleasure, and have gladly frequented the sloughs of all baseness for the satisfaction of their lusts, and in all this have had no obstacle (for they who have everything according to their wish are said to have their time; there is that saying: 'My time is not yet come, but your time is always ready,' whence the lustful are wont to say 'you are having your time'). Or, again, 'the times of the Gentiles' are the fulness of time for those Gentiles who shall have entered secretly before Israel shall be saved. These times, most beloved brothers, will now, forsooth, be fulfilled, provided the might of the pagans be repulsed through You, with the cooperation of God. With the end of the world already near, even though the Gentiles fail to be converted to the Lord (since according to the apostle there must be a withdrawal from the faith), it is first necessary, according to their prophecy, that the Christian sway be renewed in those regions either through you, or others, whom it shall please God to send before the coming of Antichrist, so that the head of all evil, who is to occupy there the throne of the kingdom, shall find some support of the faith to fight against him.

"Consider, therefore, that the Almighty has provided you, perhaps, for this purpose, that through you He may restore Jerusalem from such debasement. Ponder, I beg you, how full of joy and delight our hearts will be when we shall see the Holy City restored with your little help, and the prophet's, nay divine, words fulfilled in our times. Let your memory be moved by what the Lord Himself says to the Church: 'I will bring thy seed from the East and gather thee from the West.' God has already brought our, seed from the East, since in a double way that region of the East has given the first beginnings of the Church to us. But from the West He will also gather it, provided He repairs the wrongs of Jerusalem through those who have begun the witness of the final faith, that is the people of the West. With God's assistance, we think this can be done through you.

"If neither the words of the Scriptures arouse you, nor our admonitions penetrate your minds, at least let the great suffering of those who desired to go to the holy places stir you up. Think of those who made the pilgrimage across the sea! Even if they were more wealthy, consider what taxes, what violence they underwent, since they were forced to make payments and tributes almost every mile, to purchase release at every gate of the city, at the entrance of the churches and temples, at every side journey from place to place: also, if any accusation whatsoever were made against them, they were compelled to purchase their release; but if they refused to pay money, the prefects of the Gentiles, according to their custom, urged them fiercely with blows. What shall we say of those who took up the journey without anything more than trust in their barren poverty, since they seemed to have nothing except their bodies to lose? They not only demanded money of them, which is not an unendurable punishment, but also examined the callouses of their heels, cutting them open and folding the skin back, lest, perchance, they had sewed something there. Their unspeakable cruelty was carried on even to the point of giving them scammony to drink until they vomited, or even burst their bowels, because they thought the wretches had swallowed gold or silver; or, horrible to say, they cut their bowels open with a sword and, spreading out the folds of the intestines, with frightful mutilation disclosed whatever nature held there in secret. Remember, I pray, the thousands who have perished vile deaths, and strive for the holy places from which the beginnings of your faith have come. Before you engage in His battles, believe without question that Christ will be your standard-bearer and inseparable forerunner."

The most excellent man concluded his oration and by the power of the blessed Peter, absolved all who vowed to go and confirmed those acts with apostolic blessing. He instituted a sign well suited to so honorable a profession by making the figure of the Cross, the stigma of the Lord's Passion, the emblem of the soldiery, or rather, of what was to be the soldiery of God. This, made of any kind of cloth, he ordered to be sewed upon the shirts, cloaks, and byrra of those who were about to go. He commanded that if anyone, after receiving this emblem, or after taking openly this vow, should shrink from his good intent through base change of heart, or any affection for his parents, he should be regarded an outlaw forever, unless he repented and again undertook whatever of his pledge he had omitted. Furthermore, the Pope condemned with a fearful anathema all those who dared to molest the wives, children, and possessions of these who were going on this journey for God. . . .

Source: August. C. Krey, *The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants*, (Princeton: 1921), 36-40

5. Urban II: Letter of Instruction to the Crusaders, December 1095

Urban, bishop, servant of the servants of God, to all the faithful, both princes and subjects, waiting in Flanders; greeting, apostolic grace, and blessing.

Your brotherhood, we believe, has long since learned from many accounts that a barbaric fury has deplorably afflicted and laid waste the churches of God in the regions of the Orient. More than this, blasphemous to say, it has even grasped in intolerable servitude its churches and the Holy City of Christ, glorified by His passion and resurrection. Grieving with pious concern at this calamity, we visited the regions of Gaul and devoted ourselves largely to urging the princes of the land and their subjects to free the churches of the East. We solemnly enjoined upon them at the council of Auvergne (the accomplishment of) such an undertaking, as a preparation for the remission of all their sins. And we have constituted our most beloved son, Adhemar, Bishop of Puy, leader of this expedition and undertaking in our stead, so that those who, perchance, may wish to undertake this journey should comply with his commands, as if they were our own, and submit fully to his loosings or bindings, as far as shall seem to belong to such an office. If, moreover, there are any of your people whom God has inspired to this vow, let them know that he (Adhemar) will set out with the aid of God on the day of the Assumption of the Blessed Mary, and that they can then attach themselves to his following.

Source:

August. C. Krey, *The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants*, (Princeton: 1921), 42-43

Sources for entire file:

Fulcher of Chartres: *Gesta Francorum Jerusalem Expugnantium* Bongars, *Gesta Dei per Francos*, 1, pp. 382 f., trans in Oliver J. Thatcher, and Edgar Holmes McNeal, eds., *A Source Book for Medieval History*, (New York: Scribners, 1905), 513-17

Robert the Monk: *Historia Hierosolymitana*. in [RHC, Occ III.] Dana C. Munro, "Urban and the Crusaders", *Translations and Reprints from the Original Sources of European History*, Vol 1:2, (Philadelphia: University of Pennsylvania, 1895), 5-8

Gesta Francorum [The Deeds of the Franks]
August. C. Krey, *The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants*, (Princeton: 1921), 28-30

Balderic of Dol
August. C. Krey, *The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants*,
(Princeton: 1921), 23-36

Guibert de Nogent: *Historia quae dicitur Gesta Dei per Francos* [RHC.Occ. IV]
August. C. Krey, *The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants*,
(Princeton: 1921), 36-40

Urban II: Letter of Instruction, December 1095
August. C. Krey, *The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants*,
(Princeton: 1921), 42-43

This text is part of the [Internet Medieval Source Book](#). The Sourcebook is a collection of public domain and copy-permitted texts related to medieval and Byzantine history.

Unless otherwise indicated the specific electronic form of the document is copyright. Permission is granted for electronic copying, distribution in print form for educational purposes and personal use. If you do reduplicate the document, indicate the source. No permission is granted for commercial use.

©Paul Halsall, Dec 1997
halsall@murray.fordham.edu

**ANEXO (2): DISCURSO DO PAPA URBANO II, NO CONCÍLIO DE CLERMONT,
NA FRANÇA, EM NOVEMBRO DE 1095.**

Fulcher de Chartres

(adaptado de Thatcher) Aqui está uma versão feita pelo cronista Fulcher de Chartres. Notar quanta tradição de paz e trégua de Deus — almeja levar paz à Cristandade — vinculando-os diretamente com o chamado para a Cruzada. Esta é a importância de exportar a violência?

"Meus muito queridos irmãos: ungido pela necessidade Eu, Urbano com a permissão de Deus Bispo Chefe e Prelado de todo o mundo vim até este lugar na qualidade de embaixador trazendo uma admoestação divina a vós, servidores de Deus. Guardei a esperança de encontrá-los tão fiéis e zelosos no Serviço do Senhor como é de esperar-se. Porém, se existe alguma deformidade ou fraqueza contrária à lei divina, invocando Sua ajuda, farei tudo o que puder para erradicá-la. Porque o Senhor vos colocou como servidores diante de suas famílias. Venturosos realmente sereis se ele vos encontrar fiel em vosso ministério.

Vós sois chamados de pastores; façais com que vós não atueis como mercenários. Mas sejais bons pastores e leveis sempre vossos báculos nas mãos. Não durmais, não guarde todo o tempo o rebanho que vos foi confiado. Porque, se por vossa negligência vem um lobo e vos arrebatou uma só ovelha, já não serei dignos da recompensa que Deus reservou para vós. E depois de teres sido flagelado sem piedade por vossas faltas serei oprimido com as penas do inferno, residência da morte, já que vós haveis sido chamados no Evangelho de "sal da terra" (Mateus 5:13). Porém, se faltais com vossos deveres como se perguntaram todos, poderás salgar a terra? Oh, que tão grande é a necessidade de sal!!! Em todo caso, é necessário que vós corrijaís com o sal da sabedoria a todos aqueles néscios entregues aos prazeres deste mundo. Não deixais que o Senhor quando quiser dirigir-se a Eles os encontre putrefatos em meio a seus pecados fétidos e sem cura. Pois, se ele encontra dentro deles vermes, quer dizer, pecados, é porque vossa negligência vos impediu de assisti-los, Ele vos declarará inservíveis, mercedores unicamente de serdes arrojados ao abismo onde se deixam as coisas sujas. E já que vós não pudestes evitar ao Senhor estas graves perdas seguramente Ele vos condenará e vos afastará de Sua doce presença.

Porém, aquele que administre o sal deve ser prudente, providente, modesto, instruído, pacífico, observador, piedoso, justo, equitativo e puro. Porque como pode o ignorante ensinar a outros? Como pode o licenciado fazer modesto a outros? Como pode o impuro fazer puro a outros? Como pode alguém que odeia a paz, acalmar os ânimos de outros? E como alguém que tenha manchado suas mãos com vilezas, limpar a impureza de outros? E bem dizem as Escrituras que se os cegos guiam a outros cegos, todos irão cair no fosso (Mateus 15:14). Primeiro, corrija a vós mesmos para que, livres de toda culpa, possais limpar aqueles que vivem sob vossa jurisdição. Se quiserdes ser amigos de Deus, façais de bom grado o que a Ele dê prazer. Particularmente, deveis deixar que todos os assuntos da Igreja sejam regidos pela Lei da Igreja; e tenhais cuidado para que a simonia não crie raízes entre vós; não deixais que tanto aqueles que comprem como aqueles que vendem (penitências) sejam golpeados com os açoites do Senhor entre ruas estreitas e levados ao lugar da destruição e da confusão. Mantenhais a Igreja e o Clero, em todos os seus níveis, completamente livres da influência do poder secular. Verificai que a parte da produção da terra que corresponde a Deus seja paga por todos, e que esta não seja vendida ou retida. Se alguém capturar ou reter um bispo, não permitais que o tratem como um bandido. Se alguém seqüestra ou rouba a monges, clérigos, monjas, seus servos, peregrinos ou mercadores, permitais que se os considerem anátema. Deixai que os ladrões e os incendiários sejam excomungados junto com todos seus cúmplices. Se um homem que não é capaz de dar nunca parte de seus bens à doação seja castigado com as penas do inferno, como não vai ser castigado aquele que tira os bens dos outros? Por isso foi castigado o homem rico de quem fala o Evangelho (Lucas 16:19); não por tirar os bens dos outros, senão por não haver empregado corretamente os próprios bens.

Vós tendes visto a grande desordem que estes crimes produzem no mundo. É tão grave em algumas de vossas províncias, tenho ouvido, e tão fraca a vossa administração de justiça, que dificilmente pode alguém viajar de dia ou de noite sem ser atacado por ladrões, e mesmo que se esteja em casa ou longe dela, sempre se poderá ser espoliado, ou pela força ou pela fraude.

Portanto, é necessário voltar a por em prática a trégua, como se a conhece comumente, a qual foi instaurada há vários anos por nossos santos pais. Exorto-vos e vos demando que cada qual se esforce para que se cumpra a trégua em vossa respectiva diocese. E se alguém for levado por sua arrogância a romper dita trégua, pela autoridade de Deus e como o beneplácito desta Assembléia deve ser declarado anátema (excomungado)".

Depois que este e outros assuntos foram atendidos, todos ali presentes, clérigos e laicos, deram graças a Deus e ficaram de acordo com as propostas do senhor papa. Todos prometeram fielmente cumprir com os decretos. Então o senhor papa falou sobre como em outro lugar do mundo a Cristandade estava sofrendo por causa de uma série de circunstâncias ainda mais graves do que as que mencionadas. Ele continuou dizendo:

"Ainda que, oh filhos de Deus, vós tendes prometido mais firmemente que nunca, manter a paz entre vós e manter os direitos da Igreja, ainda falta um importante trabalho que deveis realizar. Ungidos pela correção divina devei aplicar a força de vossa retidão a um assunto que vos concerne como a Deus. Pois que vossos irmãos que vivem no Oriente requerem urgentemente vossa ajuda, e vos deveis esmerar-vos para oferecer-lhes a ajuda que tem sido prometida para tanto. Já que, como haveis ouvido, os turcos e os árabes os têm atacado e conquistado vastos territórios da terra de România (Império Bizantino), tanto a oeste como na costa do Mediterrâneo e no Helesponto, o qual é chamado Braço de São Jorge. Estão ocupando cada vez mais e mais territórios cristãos, e os venceram em sete batalhas. Matararam e capturaram muitos e estão destruindo as igrejas e devastando o império. Se vós, impuramente permitis que isto continue acontecendo, os fiéis de Deus continuarão sendo atacados cada vez com mais dureza. Em vista disto, Eu, ou melhor, o Senhor, os designa como herdeiros de Cristo para anunciar isto em todas as partes e para convencer às gentes de todas as classes, infantas e cavaleiras, ricas e pobres para assistirem prontamente àqueles cristãos e destruir essa raça vil que ocupa as terras de nossos irmãos. Digo isto para os que estão presentes, mas também se aplica àqueles ausentes. Mais ainda, Cristo mesmo o ordena!

Todos aqueles que morrerem pelo caminho, seja por mar ou por terra, o em batalha contra os pagãos, serão absolvidos de todos seus pecados. Isso lhes é garantido por meio do poder com que Deus me investiu... Oh! Terrível desgraça se uma raça tão cruel e baixa que adora demônios, conquistar a um povo que tem fé em Deus onipotente e que foi glorificado com o nome de Cristo! Com quantas reprimendas nos oprimiria o Senhor se não ajudarmos a quem, como nós, professam a fé em Cristo! Façamos com que aqueles que promoveram a guerra entre fiéis marchem agora para combater aos infiéis e terminem com vitória uma guerra que devia ter sido iniciada há muito tempo. Que aqueles que por muito tempo tenham sido foragidos, agora sejam cavaleiros. Que aqueles que tenham lutado com seus irmãos e parentes agora lutem de maneira apropriada contra os bárbaros. Que aqueles que tenham servido como mercenários por uma pequena quantia paga ganhem agora a recompensa eterna. Que aqueles que hoje em dia inutilizam tanto o corpo como a alma, agora se disponham a lutar por uma dupla honra. Olha! Deste lado estarão os que se lamentam e os pobres, e do outro, os ricos; deste lado, os inimigos do Senhor, e do outro, seus amigos. Que aqueles que decidam ir não adiem sua viagem, senão que arrendem suas

terras e reúnam dinheiro para seus gastos e que, uma vez terminado o inverno e chegada a primavera, se ponham em marcha com Deus como seu guia".

Fonte:

Bongars. Gesta per Francos, 1, p. 382. In . Oliver J. Tatcher; Edgar Holmes McNeal. A Source Book for Medieval History. New York: Scribners, 1905. p. 513-517

Roberto, o Monge

Cerca de 25anos depois do discurso, mas ele pode ter estado presente ao concílio. Ele usou a versão Gesta.

Oh, raça de Francos, raça que veio através das montanhas, raça que escolheu e acreditou em Deus como guia em muitos de teus vários trabalhos reservados para todas as nações tanto pela situação de teu país, como por tua fé católica e a honra de tua Santa Igreja! Para vós nosso discurso é endereçado e para vós nossa exortação é intencional. Nós desejamos que vós saibais que uma grave motivo guiou-nos até vosso país, que um grande perigo vos ameaça e a todos os nossos fiéis.

Dos confins de Jerusalém e da cidade de Constantinopla uma horrível narrativa tem seguido adiante e freqüentemente tem chegado aos nossos ouvidos, a saber, aquela raça do reino dos Persas, uma raça excomungada, uma raça completamente alienada de Deus, uma última geração que não tem direcionado seus corações e seus espíritos para Deus, tem invadido as terras dos Cristãos e as tem desocupado com a espada, saques e fogo. Eles, ou têm levado para longe uma parte dos cativos em seu próprio país, ou têm eliminado uma parte com o uso de torturas cruéis; eles também estão destruindo totalmente as Igrejas de Deus ou se apropriado dela para ritos de tuas próprias religiões. Eles destroem os altares, depois sujam com tuas impurezas. Eles circuncidam os cristãos e o sangue da circuncisão eles ou tem espalhado sobre o altar ou tem derramado dentro das pias batismais. Quando eles desejam a tortura de pessoas para uma morte vil, eles perfuram os umbigos delas e puxam para fora teus intestinos e os amarram em estacas; em seguida, com fustigação, eles conduzem a vítima ao redor da estaca até as vísceras saírem totalmente e cair ao chão. Outros eles atam a um poste e perfuram com flechas. Outros eles obrigam a estender os teus pescoços e em seguida, os atacam com as espadas, os cortando com um único golpe. O que diria Eu do abominável rapto de mulheres? Falar disso é pior que ficar em silêncio. O reinado da Grécia está agora desmembrado por eles e submetido a um território tão vasto em extensão que não poderia ser atravessado em uma marcha de dois meses. Sobre quem, portanto, recaí o trabalho de vingar esses erros, a incumbência de recuperar este território? Vós, a quem, acima de outras nações, Deus conferiu reconhecida glória em armas, grande coragem, atividade corporal e força para escarpelar estes que resistem a Vós.

Deixai que os feitos de teus ancestrais vos estimulem e incitem teus pensamentos corajosos para a realização; a glória e a grandeza do Rei Carlos, o Grande, e de teu filho Luis, e o de vossos outros reis, que têm destruído os reinos dos pagãos e tem estendido nestas terras no território da Santa igreja. Deixai que o Santo Sepulcro do Senhor, nosso Salvador, que está possuído por nações impuras, especialmente incite a vós e o Santo lugar que é, agora, tratado com ignomínia e irreverentemente poluído com a impureza deles. Oh mais bravo soldado e descendente do invencível ancestral não degenere, mas invoquei o valor de vossos progenitores.

Mas se vós colocardes como obstáculo o amor das crianças, familiares e viúvas, lembre-se do que o Senhor disse no Evangelho: 'Aquele que amar pai e mãe mais do que a mim, não será digno de mim.' Cada um que deixar vossas casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pais, ou mães, ou esposas, ou crianças, ou terras pelo amor do meu nome, receberá em cêntuplo e herdará a vida eterna. Que nada e ninguém o detenham por

tuas posses, nem a solicitude para os negócios de tua família, visto que esta terra em que habitas, cercada por todos os lados por mares e rodeada pelos altos picos das montanhas, é também estreita para vossa imensa população e nem abunda em riquezas e, provavelmente, mal fornece alimento para vossos cultivadores. É por isto que mateis uns aos outros, e que fazei as guerras e freqüentemente vos ferem mutuamente. Deixai, portanto, o rancor afastar-vos do teu meio, deixai vossas rixas terminarem, deixai cessar as guerras e deixai todas as divergências e controvérsias adormecerem. Entrei na posse do caminho para o Santo Sepulcro; arrebateis aquela terra da raça cruel e submetei a vós mesmos aquela terra que, como a Escritura diz, 'flui com leite e mel', foi dada por Deus à posse das crianças de Israel. Jerusalém é o centro do mundo; a terra é fértil, mais do que qualquer outra, como um outro paraíso de delícias. Este Redentor da raça humana tornou-se notável desde Seu advento, embelezou sua residência, consagrada pelo sofrimento, foi redimido pela morte, foi glorificado e sepultado. Por isso, esta cidade real situada no centro do mundo, é agora cativa de Seus inimigos, e está submetida a esses, que não conhecem Deus, para a adoração dos pagãos e ela procura e deseja ser libertada e não cessa de implorar a vós que a ajude. De vós eminentemente ela espera ajuda, porque assim nós já temos dito, Deus nos tem dado, acima de tudo, as nações grande glória em armas. Então, empreendi esta jornada para a remissão de vossos pecados, com a segurança da imperecível Glória do reino do Céu ”.

Quando o Papa Urbano disse essas e muitas coisas parecidas em seu discurso, ele assim influenciou cada um, propondo o desejo de todos que estavam presentes, aqueles que gritavam 'Esse é o querer de Deus! Esse é o querer de Deus!' Quando o venerando pontífice Romano ouviu aquilo, com os olhos levantados para o céu, agradeceu a Deus e, com suas mãos pedindo silêncio, disse:

"Meus queridos irmãos, hoje é manifestado em vocês o que o Senhor disse no Evangelho, 'Enquanto dois ou três estiverem reunidos em meu nome, Eu estarei no meio deles'. A menos que o Senhor Deus não tenha estado presente em seus espíritos, todos vocês não teriam revelado o mesmo clamor, pois, embora o clamor emanasse de muitas vozes a origem do clamor é único. Por esse motivo eu digo a vós foi quem Deus implantou isto em seus corações e tem levado adiante de vós. Deixe isto então ser seu grito de guerra porque esta palavra foi dada para você por Deus. Quando um ataque armado é feito sobre o inimigo deixe neste um clamar instigado por todos os soldados de Deus: Esse é o querer de Deus! Esse é o querer de Deus!

E nós não exigimos ou recomendamos que o velho ou o frágil, ou aqueles incapazes para pegar em armas, empreendam esta jornada; nem as mulheres partirão sem seus maridos ou irmãos ou guardiões legais. Visto que serão mais um obstáculo do que uma ajuda mais uma carga do que uma vantagem. Deixe os ricos ajudar os necessitados, e de acordo com suas riquezas, adquirirem com eles experiências de soldados.

Os sacerdotes e clero não têm nenhuma ordem e não podem ir sem o consentimento de seus Bispos; para esta jornada eles em nada favoreceriam se forem sem permissão desses. Também não será apropriado que leigos participem da romaria sem a benção de seus sacerdotes.

Quem, portanto, determinará sobre a sagrada romaria e firmará seu voto para Deus e sacrificará a si mesmo por Ele tanto quanto viverá em sacrifício sagrado aceitará para Deus usando o sinal da cruz do Senhor sobre tua testa ou em teu peito. Quando 'verdadeiramente' houver executado teu voto desejar retornar deixará teu lugar na cruz sobre tuas costas entre teus ombros. Como tal na verdade duplamente cumprirá os preceitos do Senhor assim como Ele comandou no Evangelho, 'Aquele que não tomar sua cruz e seguir depois de mim, não é merecedor de mim'".

Fonte:

Dana C. Munro. Urban and the Crusaders. In Sources of European History., Philadelphia: University of Pennsylvania, 1895. v

BALDERIC DE DOL

Foi arcebispo de Dol. Ele escreveu no início do século doze e sua principal fonte foi o Gesta.

"Nós temos barba, muito amados irmãos, e vocês tem ouvido que nós não podemos contar em detalhes sem profundo lamento, e com grande dor e horror, a maneira como sofrem nossos irmãos cristãos. Irmãos em Cristo são açoitados, oprimidos e injuriados em Jerusalém, na Antioquia e em outras cidades do Oriente. Nossos irmãos de sangue, companheiros, seus associados (para você são irmãos no mesmo Cristo e na mesma Igreja) são todos submetidos em suas próprias pátrias, a outros mestres, ou são dirigidos por eles, ou eles vivem como indigentes ou, o que é pior, eles são flagelados, exilados e vendidos como escravos em suas próprias terras. O sangue cristão redimido pelo sangue de Cristo que foi derramado, a carne do cristão como a carne de Cristo estão submetidos a uma degradação e servidão inqualificáveis. Em todos os lugares destas cidades, há lamentos, em todas as partes, miséria em toda parte, gemidos (Eu digo isto como um sinal). As igrejas em que o divino mistério era celebrado há muito tempo são agora para nosso lamento, usadas como estábulos para os animais desses povos! O Santo Homem não tem posses naquelas cidades, pelo contrário, os turcos abjetos e bastardos dominam nossos irmãos. O abençoado Pedro foi o primeiro bispo de Antioquia; eis que, em sua própria Igreja, os gentios exercem suas superstições, e a religião cristã, que a eles deve, de preferência, alimentar a esperança, eles impedem a entrada nos espaços dedicados a Deus! As propriedades dadas para a sustentação dos santos e patrimônio dos nobres foram usadas para o sustento do povo, e estes são submetidos à tirania pagã e os cruéis mestres abusam de suas próprias propostas de retorno destas terras. O mundo de Deus tem sofrido uma derrota. O santuário de Deus (com inqualificável vergonha) foi totalmente profanado. Qualquer cristão ainda remanescente, escondido por ali, é tratado com inauditas torturas.

OH! Sagrada Jerusalém! Irmãos, nós não ousamos falar, para nós é excessivamente assustador e vergonhoso falar disso. Essa mesma cidade, na qual, vós todos sabeis, o próprio Cristo sofreu por nós, porque nossos pecados O levaram a isso, tem sido reduzida a ação do paganismo e Eu digo isso para nossa desgraça, para desfazer o trabalho de Deus. Igualmente acumulou-se sobre nós a reprovação, pois simplesmente temos merecido isto! Quem agora serve a Igreja do Coração de Maria no vale de Josafá, igreja na qual ela mesma sepultou seu corpo? Mas por que nós passamos sobre o templo de Salomão, negação de Deus, no qual a nação de bárbaros colocou seus ídolos ao contrariando a lei humana e divina? Do Santo Sepulcro nós nos abstermos de discursar desde então, algumas pessoas como vós, com seus próprios olhos, viram as abominações que eles fizeram. Os turcos violentamente atacaram as oferendas oferecidas para aquelas almas se elevarem e, em adição, eles zombaram muito e freqüentemente da nossa religião. E ainda naquele lugar (e digo somente o que você já sabe) de repouso de Deus; lá Ele morreu por nós; lá Ele foi sepultado. Quanto mais precioso o Sepulcro será o desejo de Deus, é um lugar incomparável, ainda que Deus tenha desapontado aqui na realização do milagre anual! Nos dias de Sua Paixão todas as luzes do Sepulcro e ao redor da igreja, que tinham se apagado, voltaram a ligar ao comando do divino. Então qual coração é assim endurecido, irmãos, que não é tocado por tão grande milagre? Acreditem aquele homem bestial e insensato cujo coração não manifesta graça e convicção religiosa não muda e é igualmente ou mais que os gentios e ainda vêem isto em comum com os cristãos e não estão

deixando seus caminhos! Eles estão, na verdade, temerosos, mas eles não são convertidos à fé nem ficam assombrados com a cegueira de espírito que os domina. Com que aflições eles trataram injustamente vocês que têm retornado e agora estão presentes, nós mesmos conhecemos bastante bem vocês que sacrificaram seu sangue e sua carne para Deus.

Estes, amados irmãos, nós dizemos, são aqueles que podem testemunhar nossas palavras. Mais sofrimento de nossos irmãos e devastação das igrejas restantes é o que nós podemos falar uma a uma, para nós sermos oprimidos por dilaceramentos e gemidos, suspiros e soluços. Nós lamentamos, irmãos, ai de mim! Como o Psalmist, em nosso coração. Nós somos miseráveis e infelizes e em nós está aquela profecia plena: 'Deus, as nações estão vendo as tuas heranças; o teu sagrado templo eles profanaram, colocando Jerusalém em amontoados de mortos; os teus servidores foram jogados para servir de alimento aos pássaros do céu (abutres); os corpos de teus santos para as bestas da terra. Teu sangue foi derramado como água ao redor de Jerusalém e não há ninguém para enterrá-los. Infortúnio para nós, irmãos! Nós que já tínhamos começado a reprovar nossos vizinhos, com zombaria e escárnio para eles, ao nosso redor, permitido, com uma última lágrima, tolerar e ter compaixão por nossos irmãos! Nós que viemos desdenhar todas as pessoas e pior do que todas, permitindo lastimar a m s monstruosa devastação da Terra Santa. Esta terra que tem sido merecidamente chamada de Santa, na qual não há caminho a pé, para o corpo ou o espírito do Salvador (Jesus Cristo) não renderá glórias e orações que abraçam a santa presença da mãe de Deus e o encontro dos apóstolos, que beberam o sangue dos mártires, derramado aqui. Quantas orações são as pedras que coroaram Stephan, o primeiro mártir! Quão feliz, Oh, São João Baptista, com a água do Jordão que serviu no batizado do Salvador! As crianças de Israel, que deixaram o Egito, e que precederam vocês para cruzar o Mar Vermelho, haviam tomado a terra, com suas armas, com Jesus como líder, eles expulsaram os Jebuseus e a outros habitantes, e eles mesmos habitaram Jerusalém, com sua celestial imagem.

O que estamos dizendo? Ouçam e aprendam! Vocês, preparando-se apropriadamente com o emblema dos cavaleiros (templários?), são arrogantes e com grande orgulho. Aquele que vocifera contra seus irmãos e os cortam em pedaços, não é (verdadeiro) soldado de Cristo. A Santa Igreja tem resguardado os soldados para sua própria ajuda e a do povo, mas eles a degradaram perversamente para feri-los mortalmente. Vamos confessar a verdade, quem anunciará nosso dever; realmente vocês não têm a posse do caminho que leva à vida. Vocês, os opressores de crianças, saqueadores de viúvas; vocês criminosos homicidas, sacrílegos, ladrões dos direitos dos outros; vocês que esperam o pagamento dos ladrões para derramar o sangue dos cristãos — como abutres farejando os fétidos corpos, e então vocês combatem à distância e investem rapidamente. Na verdade, este é o pior caminho, por isso é totalmente afastado de Deus! Se, na verdade, vocês desejarem ter totalmente essas almas, um e outro colocarão o cinturão de cada cavaleiro, ou avançará corajosamente como cavaleiro de Cristo, e correrá tão rapidamente como vocês para defender a Igreja do Oriente. Para ela o regozijo de sua salvação virá depois; quem colocará em suas bocas o leite do divino saber; quem se incumbirá antes de você sobre o conhecimento do Santo Evangelho. Nós dizemos isso irmãos, que vocês podem redimir suas mãos sanguinárias na destruição de seus irmãos, e no interesse de seus parentes na fé, vocês deverão opor-se aos gentios.

Sob Jesus Cristo, nosso Líder, vocês poderão lutar por sua Jerusalém, em uma linha de batalhas cristã, a mais invencível linha, até com mais sucesso do que os filhos de Jacob o velho guerreiro, e vocês poderão assaltar e expulsar os Turcos, mais execráveis que os Jebuseus, que estão naquela terra, e vocês poderão imaginar isso como uma bela coisa para se morrer por Cristo, naquela cidade em que Ele morreu por nós. Mas se isso acontecer e vocês morrerem naquele lado, estejam certos que haveis morrido no caminho da igualdade. Se Cristo os pudesse encontrar em seu exército, Deus pagaria na mesma moeda, quer na primeira, quer na última hora. Vocês poderão estremecer, irmãos, vocês poderão estremecer pela mão violenta se erguendo contra os cristãos. É pouco brandir suas espadas contra os sarracenos. É a única

guerra é que é justa, pois é caridade arriscar suas vidas por seus irmãos. Que vocês não fiquem perturbados acerca do futuro. Amanhã vocês saberão que aquele que teme a Deus ninguém pode nem aquele que têm carinho por Ele de verdade. A posse do inimigo também será sua desde que você possa saquear seus tesouros e para retornar vitorioso a sua pátria; ou as avermelharão com seu próprio sangue, ganhando a eterna glória àquele que tampouco precisa poder ou de riqueza, com a qual será recompensado.

Curto é o caminho, pequeno o trabalho que, reverterá a vocês com a glória que não se remanescerá jamais. Conseqüentemente, nós falamos com a autoridade do profeta: 'Prepare a tua espada; a teu lado O poderoso estará! Repare você mesmo, cada um de vocês, Eu digo, e a seus valentes filhos; pode ser melhor para vocês morrer em batalha do que contemplar o arrependimento de sua raça e de seu santo lugar. Não deixe que nenhuma propriedade nem o encanto de suas esposas os seduzam para ir, nem deixem que os julgamentos que terão de fazer os possam dissuadir e fazer com que vocês fiquem aqui'.

E retornando aos bispos, ele disse: "vocês, irmãos e amigos bispos; vocês, amigos padres e partícipes conosco em Cristo, façam este pronunciamento através de suas igrejas e com toda nossa alma e vigorosamente preguem a jornada a Jerusalém. Quando eles confessarem a desgraça de seus pecados, vocês, seguros em Cristo, ofereçam-lhes os perdões; sobretudo vocês, que irão fazer nossas orações; nós queremos vocês lutando pelo povo de Deus. É nosso dever orar, o de vocês, lutar contra os Amalecitas. Como Moisés, nós estenderíamos, infatigáveis irmãos, um braço pelo paraíso, enquanto vocês forem adiante, brandindo a espada, como guerreiros destemidos, contra Amalec".

Considerando todos aqueles presentes claramente informados por estas e outras palavras deste reino Apostólico de Deus, os olhos de muitos estavam banhados de lágrimas, outros ainda discutiam a proposta. Contudo, na presença de todos aquele Concílio e como nós vimos, o Bispo Puy, o grande homem, renovou a sua imensa fidelidade ao Papa, com plena alegria em seu semblante, curvando os joelhos, solicitou-lhe a benção e pediu permissão para ir. Ele conquistaria para o Papa o comando daqueles que lhe obedeceriam e seria aquele que dominaria todo o exército em nome do Papa, uma vez que todos o conheciam como um prelado de incomum energia e dinamismo.

Fonte:

August C. Krey. *The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants*. Princeton, 1921. p.33-36

Guibert de Nogent

Guibert, abade de Nogent, compareceu ao Concílio de Clermont. Sua *Historia quae dicitur Gesta Dei per Francos* seu próprio conhecimento e outras fontes como a *Gesta*.

“Se há Igrejas divididas ao redor do mundo é porque umas merecem mais respeito do que as outras (para as pessoas, eu digo, uma vez que numerosos privilégios são concedidos para as sedes episcopais apostólicas: para os lugares, na verdade, a mesma dignidade que é concedida às pessoas é, da mesma forma, para as cidades régias, como Constantinopla), nossa obrigação de fazer alguma coisa é mais para aquela igreja para a qual nós recebemos a graça de redenção e a origem de todo

Cristianismo. Se for verdade o que o Senhor disse em seu nome, 'a salvação vem dos Judeus' e que o Senhor dos exércitos nos entregou uma semente, para que nunca ficassemos como Sodoma e tampouco nos assemelhássemos a Gomorra, Cristo é essa semente, em quem está a nossa salvação e a benção de todos os povos, e ainda a terra e a cidade na qual Ele viveu e sofreu são chamadas santas de acordo com o testemunho das Escrituras. Por isso, esta terra é chamada sagrada nos escritos dos profetas como herança sagrada o templo de Deus antes mesmo que o Senhor tivesse pensado nisto, ou fosse molhado seus pés e tivesse ali sofrido. O que poderia acrescentar em sua santidade e que não tivesse sido adquirida em Sua Majestade? Desde que lá, o sangue do Filho de Deus, mais Sagrado do que o céu e a terra, foi derramado, e Seu corpo sepultado? Que veneração nos faz pensar neste merecimento? Se quando o Senhor foi crucificado e a cidade ainda estivesse sob os cuidados dos Judeus, isso seria chamado sagrado pelos evangelistas quando eles disseram, 'Muitos corpos de santos que tinham morrido foram ressuscitados e saíram dos túmulos depois de Sua ressurreição, e apareceram na cidade sagrada' e através do profeta Isaías 'Este será seu Santo Sepulcro'. Meus mais queridos irmãos, se vocês reverenciarem este lugar sagrado e Eu, tratar com carinho esses relicários que são as marcas de Seus passos na terra, se você procurar (o caminho), Deus o orientará, Deus lutará a seu favor, se você esforçar-se ainda mais para purificar a Cidade Sagrada e a glória do Sepulcro, agora poluído com a presença dos gentios, tanto quanto pelo poder deles.

Se nos velhos tempos os Macabeus atingiram o mais alto grau de piedade é porque eles combateram as cerimônias e o Templo e isto também é justamente garantido a vocês soldados cristãos para defender a sua liberdade e a de seu país, com o uso das armas. Se vocês considerarem que aquela é igualmente santa a morada como os santos apóstolos e de qualquer outro Santo deverão fazer algo com tal esforço e acima de qualquer coisa. Por que você recusa a Cruz, o Sangue e o Túmulo? Por que você se recusa a visitá-lo a pagar o preço de sua vida, resgatando-os? Você tem que se empenhar em uma guerra injusta, para num tempo ou no outro, agir para sua recíproca destruição, por nenhuma outra razão que não se orgulhar com o resultado digno de uma morte eterna e gloriosa recompensa do martírio, agora e para sempre.

Vamos supor, por um momento, que Cristo não morreu e nem tenha vivido em Jerusalém. Certamente, somente estes fatos deveriam continuar estimulando-os para ir socorrer a terra e a cidade. — o fato é que 'fora de Zion que saíra a lei e a palavra de Jeová e de Jerusalém!' Se todo aquele cristãos brotar da fonte de Jerusalém, ela será caudalosa, e assim sempre se espalhará por todo o mundo envolvendo os corações da multidão Católica, e que eles podem considerar sabiamente que bebem tal como uma boa fonte de água mineral. Se os rios retornam ao mesmo lugar por isso ele teria saído para fluir somente e novamente mais adiante, então com os dizeres de Salomão, ele deverá parecer glorioso para você que será capaz de aplicar uma nova limpeza naquele lugar, e por esse motivo é certo que você receberá a limpeza do batismo e o testemunho de sua fé.

E você deve, além disso, considerar para a derradeira deliberação o seu trabalho, se Deus trabalhar através de você, ocorrerá que a Mãe das igrejas prospere novamente; atuando através de vocês, e empenhando os seus esforços para que façam reflorescer o culto do Cristianismo e da Igreja; então é possível que Ele não deseje outras regiões do Oriente para restaurar a fé contra a aproximação do Anticristo. Por isso fica claro que Anticristo é para lutar não com os Judeus, não com os Gentios, mas conseqüentemente, pela etimologia do seu nome, Ele atacará os cristãos. E se o Anticristo não encontrar aqui nenhum cristão (igualmente presente quando apenas algum habitar aqui), ninguém estará aqui para opor-se, ou quem ele superará corretamente. Assim segundo o profeta Daniel e Jerônimo, o interprete de Daniel, ele fixará sua tenda no Monte das Oliveiras. É certo o que os apóstolos disseram, que ele tomará o lugar em Jerusalém no Templo de Deus, querendo passar por Deus. E este mesmo profeta dirá mais, que ele matará primeiro três reis, do Egito, África e Etiópia, sem dúvida por sua fé cristã. Esta, na verdade, não poderá ser exceto se a Cristandade for estabelecida onde agora é paganismo. Se, por esse motivo, vocês estão zelosos em participar da santa batalha, em ordem de justamente como vocês tem recebido a semente

do conhecimento do Deus de Jerusalém, vocês podem por outro lado restaurar a graça perdida de modo que, em nome do catolicismo poderão avançar para opor-se ao pérfido Anticristo e anticristãos também, sem conjecturar, por Deus, que excedeu as esperanças de todos e se consumirão em abundância e coragem. Quem é estúpido para incluir o paganismo em Sua lei, Egito, África e Etiópia, as quais tinham saído da comunhão de sua crença? E o homem do pecado, o irmão da perdição, encontrará alguma oposição a ele. Eis que, o Evangelho apregoa, 'Jerusalém esmagará com os pés os Gentios até o tempo em que os Gentios serão satisfeitos'. 'Tempo dos Gentios' pode ser dividido em dois caminhos: cada um deles regulará sobre os cristãos até seu prazer, e mudará para satisfação de sua luxúria, e não tem encontrará nenhum obstáculo. Ora, novamente, 'os tempos dos gentios estará completando o tempo daqueles Gentios que entraram secretamente em Israel; Estes tempos, meus muito queridos irmãos, realizado, provirá aos pagãos que repudiaram através de você, com a cooperação de Deus. Com o fim do mundo já próximo, os Gentios se converterão a Deus. Isto é necessário, de acordo com a profecia, que os cristãos possam renovar em suas regiões e cada um deles ou outros, de quem eles pedirão a ajuda de Deus antes da chegada do Anticristo, de modo que a cabeça de todo mal, que estará ocupando o trono do rei, encontrará algum apoio na fé para lutar contra ele.

Considere, por esse motivo, que a Ammighy de provirá você, talvez, para esta proposta e que através de você Ele poderá restaurar Jerusalém. Quando vir a Cidade Santa restaurada, com sua pequena ajuda e a dos profetas e negativa divina, a totalidade das palavras em outro tempo. Deixe sua memória mover-se para que o Deus mesmo fale para a Igreja: 'Eu espalharei a semente para o Oriente e também para o Ocidente'. Deus já brotou sementes para o Oriente enquanto um duplo caminho para aquela região do Oriente tinha primeiro começado a Igreja para nós. Mas do Ocidente Ele porá reparos aos erros de Jerusalém através daquilo que você tenha feito com o testemunho do final da fé, que está no povo do Ocidente. Uma inenarrável crueldade foi levada a ponto de fazê-los beber seu vômito, ou explodir seus intestinos, porque os miseráveis tinham-nos feito engolir ouro ou prata derretidos; ou, horrível dizer, eles cortaram seus intestinos com as espadas e os espalharam. Relembre, Eu rogo, os milhares que pereceram por morte vil e empenham-se pelos lugares sagrados de que contam o início de sua fé. Antes de seu engajamento em Suas batalhas, acredite sem questionar que isto será seu estandarte e inseparável companheiro".

O excelente homem concluiu sua oração e pelo poder do abençoado Pedro absolveu todos que confirmaram este ato com a apostólica benção. Ele instituiu o sinal da cruz como marca, o sinal da Paixão do Senhor, o emblema dos soldados, ou melhor, daqueles que seriam soldados de Deus. Ele comandará cada um, depois de receber este emblema, ele os guardará para sempre. Além disso, o Papa condenou com a excomunhão todos que molestassem as viúvas, crianças e as posses daqueles que fizessem a jornada por Deus.

Fonte: August. C. Krey, *The First Crusade: The Accounts of Eyewitnesses and Participants*. Princeton, 1921. p. 36-40

Este trabalho foi digitado conforme o Modelo:
“Dissertação”
do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem
da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL
desenvolvido pelo Prof. Dr. Fábio José Rauen.